



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA – IFB
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL
PROFGEO - *CAMPUS RIACHO FUNDO*

O Estudo do Meio no Ensino de Geografia: Uma Proposta de Sequência Didática a partir da Experiência no Parque Distrital Boca da Mata

LELTON MELO DA FONSECA

Brasília - DF
2025.

LELTON MELO DA FONSECA

O Estudo do Meio no Ensino de Geografia: Uma Proposta de Sequência Didática a partir da Experiência no Parque Distrital Boca da Mata

Trabalho final de curso: Intervenção Pedagógica/Sequência Didática para Banca de Avaliação do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional, do Instituto Federal de Brasília, *Campus* Riacho Fundo como requisito parcial à obtenção do título de Mestre sob a orientação da Professora Doutora Andreia Maria da Silva França.

Brasília – DF, 08 de Agosto de 2025.

Fonseca, Lelton Melo da .

O Estudo do Meio no Ensino de Geografia: Uma proposta de sequência didática a partir da experiência no Parque Distrital Boca da Mata. / Lelton Melo da Fonseca ; orientação Andreia Maria da Silva França. — Riacho Fundo, DF: 2025.

105 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional) — Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo, Riacho Fundo, DF, 2025.

Orientador(a): Andreia Maria da Silva França.

1. Metodologia de Ensino. 2. Ensino de Geografia. 3. Estudo do Meio. 4. Sequência didática. 5. Educação ambiental. I. França, Andreia Maria da Silva, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema com dados fornecidos pelo(a) autor(a)
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA – IFB
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL –
PROFGEO - *CAMPUS* RIACHO FUNDO

**O Estudo do Meio no Ensino de Geografia: Uma Proposta de
Sequência Didática a partir da Experiência no Parque Distrital Boca
da Mata**

LELTON MELO DA FONSECA

Banca Examinadora:

Prof. Dra Andreia Maria da Silva França
Instituto Federal de Brasília
Presidente da Banca

Prof. Dr. Juliano Rosa Gonçalves
Universidade Estadual de Goiás
Membro Interno

Prof. Dr. Ricardo Faustino Teles
Instituto Federal de Brasília
Membro Externo

Brasília – DF, 08 de Agosto de 2025.

Dedico esse trabalho ao meu velho Pai, um entre os milhares de jovens migrantes, que desceram do norte para a cidade grande e que deixou tanta falta ao partir cedo demais.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio, à escuta atenta e à generosidade de muitas pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para que esta jornada se concretizasse.

Agradeço, em primeiro lugar, à Professora Andréia, minha orientadora, pela valiosa contribuição ao longo de todo o percurso. Com empatia e sensibilidade, soube encorajar-me nos momentos mais difíceis dessa trajetória, oferecendo apoio, confiança e direcionamento. Sua paciência e dedicação foram fundamentais para que eu chegasse a esta etapa de finalização com a segurança de ter seguido um caminho significativo e coerente.

À banca de qualificação e examinadora, registro minha gratidão pela leitura atenta e pelas contribuições generosas feitas ao trabalho. Suas observações e sugestões foram extremamente enriquecedoras, especialmente por considerarem, com respeito e sensibilidade, os desafios que enfrentamos diariamente como professores da educação básica. Compreenderam o esforço que é estar em sala de aula e, ao mesmo tempo, aventurar-se no campo da pesquisa, buscando desvendar o meio em que estamos inseridos e produzir conhecimento a partir da prática docente.

Estendo meus sinceros agradecimentos aos colegas da turma de 2023 do ProfGEO/IFB Campus Riacho Fundo I, que, assim como eu, atuam na educação básica e compartilharam ao longo dessa caminhada não apenas textos e materiais, mas, sobretudo, gestos de alteridade, solidariedade e partilha. Em meio às exigências do trabalho docente e aos desafios da escrita acadêmica, o apoio mútuo foi essencial para que não nos sentíssemos sozinhos diante do desafio de escrever sobre a nossa própria realidade.

Agradeço profundamente à minha família pelo apoio e incentivo, em especial à minha esposa Sheila Loianne — também professora — e à minha filha, Ana Carolina, por compreenderem e acolherem com paciência e amor os momentos de ausência e de dedicação à elaboração deste trabalho. O apoio e a compreensão de vocês tornaram possível a travessia desse percurso tão exigente.

Por fim, agradeço a todas e todos que, direta ou indiretamente, participaram da construção do conhecimento aqui explorado. Toda produção de saber é coletiva, situada e social, e sem essa rede de contribuições e interações, não haveria reflexão a ser partilhada neste trabalho.

FONSECA, Lelton Melo da. **O estudo do meio no ensino de Geografia: uma proposta de sequência didática a partir da experiência no Parque Distrital Boca da Mata**. 2025. Sequência Didática (ProfGEO) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional – PROFGEO, Campus Riacho Fundo, Brasília, 2025.

RESUMO

Este trabalho apresentou uma proposta de sequência didática fundamentada na metodologia do Estudo do Meio, voltada para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental. Partindo da constatação do desinteresse dos alunos frente às abordagens tradicionais, predominantemente expositivas e descontextualizadas, buscou-se ressignificar o processo de ensino-aprendizagem por meio da vinculação entre os conteúdos escolares e a realidade vivida pelos estudantes. O Estudo do Meio, entendido como uma estratégia metodológica que articula observação, investigação e análise crítica do espaço vivido, propicia a integração entre teoria e prática, favorecendo aprendizagens significativas ao permitir que o aluno seja protagonista na construção do conhecimento geográfico. A proposta esteve ancorada em experiências pedagógicas prévias desenvolvidas no Parque Distrital Boca da Mata, em Brasília/DF. O objetivo central foi elaborar uma sequência didática que promovesse uma aprendizagem significativa, integrando os conhecimentos geográficos à educação ambiental e à formação cidadã. A metodologia adotada envolveu pesquisa bibliográfica e sistematização de práticas pedagógicas já realizadas em experiência anterior. A sequência foi organizada em etapas interligadas, baseadas nos referenciais teóricos sobre a metodologia do Estudo do Meio apresentados por Maria Lídia Fernandes e Nídia Nacib Pontuschka, contemplando desde a definição do tema e problematização inicial até a execução da atividade de campo e a sistematização dos resultados. Como produto educacional, apresentou-se um guia pedagógico para aplicação do Estudo do Meio, passível de adaptação a diferentes contextos escolares. Os resultados indicaram o potencial da metodologia em despertar o interesse dos estudantes, fortalecer a relação entre teoria e prática, desenvolver o pensamento crítico e promover a leitura do espaço vivido. O trabalho reforçou a importância de estratégias que valorizem o protagonismo discente e estimulem práticas docentes mais reflexivas, situadas e transformadoras.

Palavras-chave: Metodologia de Ensino; Ensino de Geografia; Estudo do Meio; Sequência didática; Educação ambiental.

FONSECA, Lelton Melo da. *The field study in Geography teaching: a didactic sequence proposal based on the experience at the Parque Distrital Boca da Mata*. 2025. Didactic Sequence (ProfGEO) – Federal Institute of Education, Science and Technology of Brasília, Professional Master's Program in Geography Teaching – PROFGEO, Riacho Fundo Campus, Brasília, 2025.

ABSTRACT

This work presented a proposal for a didactic sequence based on the Field Study methodology, aimed at teaching Geography in Elementary Education. Starting from the observation of students' lack of interest in traditional approaches, predominantly expository and disconnected from their lived experiences, the aim was to reframe the teaching-learning process by linking school content to students' realities. The Field Study, understood as a methodological strategy that articulates observation, investigation, and critical analysis of the lived space, enables the integration between theory and practice, fostering meaningful learning by allowing students to play a leading role in constructing geographical knowledge. The proposal was grounded in previous pedagogical experiences developed at the Parque Distrital Boca da Mata, in Brasília/DF. The main objective was to develop a didactic sequence that would promote meaningful learning, integrating geographical knowledge with environmental education and citizenship formation. The methodology adopted involved bibliographic research and the systematization of pedagogical practices previously carried out in earlier experiences. The sequence was organized into interconnected stages, based on the theoretical references on the Field Study methodology presented by Maria Lídia Fernandes and Nídia Nacib Pontuschka, covering everything from defining the theme and initial problematization to the execution of the field activity and the systematization of results. As an educational product, a pedagogical guide for the application of the Field Study was presented, adaptable to different school contexts. The results indicated the potential of the methodology to spark students' interest, strengthen the relationship between theory and practice, develop critical thinking, and promote the reading of lived space. The work reinforced the importance of strategies that value student protagonism and encourage more reflective, situated, and transformative teaching practices.

Keywords: Teaching Methodology; Geography Teaching; Field Study; Didactic Sequence; Environmental Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Salas de aula do CEF 05 (Acervo pessoal do autor, s.d.)
Figura 2 – Introdução ao Cerrado e à Educação Ambiental (Acervo próprio, 2022)
Figura 3 – Introdução ao Cerrado e à Educação Ambiental (Acervo próprio, 2023)
Figura 4 – Introdução ao Cerrado e à Educação Ambiental (Acervo próprio, 2022)
Figura 5 – Planejamento da Saída de Campo (Acervo próprio, 2023)
Figura 6 – Planejamento da Saída de Campo (Acervo próprio, 2022)
Figura 7 – Visita ao Parque Distrital Boca da Mata (Acervo próprio, 2022)
Figura 8 – Visita ao Parque Distrital Boca da Mata (Acervo próprio, 2022)
Figura 9 – Sistematização da Experiência (Acervo próprio, 2022)
Figura 10 – Comparativo da percepção dos alunos sobre o Parque Boca da Mata (Fonseca, 2022, p. 23)
Figura 11 – Nuvem de palavras elaborada a partir das respostas dos alunos antes da intervenção (Fonseca, 2022, p. 25)
Figura 12 – Nuvem de palavras elaborada a partir das respostas dos alunos após a intervenção (Acervo próprio, 2023)
Figura 13 - Mapa de localização do CEF 05 de Taguatinga
Figura 14 - Mapa de localização do Parque Boca da Mata/Distrito Federal
Figura 15 - Mapa de localização da Área de Relevante Interesse Ecológico Juscelino Kubitschek

LISTA DE SIGLAS

- BNCC - Base Nacional Curricular Comum
CEF 05 - Centro de Ensino Fundamental 05 de Taguatinga

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Plano de Aula 1: Apresentação da proposta e introdução ao Estudo do Meio
Tabela 2 – Plano de Aula 2: Localização e representação cartográfica do território a ser estudado
Tabela 3 – Plano de Aula 3: O Cerrado e as Unidades de Conservação: Conceitos e Importância
Tabela 4 – Plano de Aula 4: Identificação de problemas socioambientais no Parque Boca da Mata
Tabela 5 – Plano de Aula 5: Coleta de dados e observação em campo no Parque Boca da Mata
Tabela 6 – Plano de Aula 6: Análise e sistematização dos dados coletados
Tabela 7 – Plano de Aula 7: Proposição de intervenções e soluções para os problemas identificados
Tabela 8 – Plano de Aula 8: Socialização dos resultados e avaliação da sequência didática

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 O estudo do meio como metodologia de ensino em Geografia	15
2.2 As etapas de aplicação do Estudo do Meio	18
3. OBJETIVOS	26
3.1 Objetivo Geral	26
3.2 Objetivos Específicos	26
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	27
4.1 A Experiência No Parque Boca Da Mata	28
4.2 Contextualização e Planejamento	29
Sobre a Sequência Didática	29
4.3. Área de Estudo	30
A Escola	30
O Parque Distrital Boca da Mata	33
4.4. Etapas da Sequência Didática	34
Etapa 1 – Introdução ao Cerrado e à Educação Ambiental:	36
Etapa 2 – Planejamento da Saída de Campo:	38
Etapa 3 – Visita ao Parque Distrital Boca da Mata:	40
Etapa 4 – Sistematização da Experiência:	42
Etapa 5 – Apresentação dos Projetos e Intervenção na Realidade	43
5. CONTRIBUIÇÕES EM SALA DE AULA	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
7. FONTES DE PESQUISA	53
8. APÊNDICES	57
8.1. Plano de Aulas da Sequência Didática	57
Plano de Aula 1	57
Plano de Aula 2	59
Plano de Aula 3	61
Plano de Aula 4	63
Plano de Aula 5	65
Plano de Aula 6	68
Plano de Aula 7	70
Plano de Aula 8	72
9. ANEXOS	74
Sequência Didática: O Estudo do Meio no Ensino de Geografia - Uma Proposta de Sequência Didática a partir da Experiência no Parque Distrital Boca da Mata/DF	74

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de mais de duas décadas de atuação no ensino de Geografia na rede pública do Distrito Federal, observou-se a recorrência de desafios relacionados ao engajamento dos estudantes nos anos finais do ensino fundamental, especialmente em contextos marcados por diversidade sociocultural e desigualdades estruturais. Esse cenário evidencia a urgência de práticas pedagógicas que ressignifiquem o papel da escola, tornando-a mais próxima da realidade da comunidade escolar.

A baixa adesão às aulas de Geografia e a aparente desconexão entre os conteúdos escolares e o cotidiano dos discentes suscitam questionamentos relevantes acerca da eficácia das abordagens didáticas tradicionais. Nesse sentido, a reflexão sobre alternativas metodológicas passa a incorporar a necessidade de vincular o processo de ensino-aprendizagem ao território, ao entorno imediato da escola e às experiências concretas dos estudantes. A prevalência de práticas expositivas e o uso de livros didáticos com limitada contextualização local reforçam a demanda por metodologias que promovam o protagonismo discente e favoreçam a mediação crítica do espaço geográfico familiar.

As reflexões supracitadas foram intensificadas a partir de uma experiência pedagógica interdisciplinar, desenvolvida nos anos de 2022 e 2023, no âmbito da disciplina de Geografia, em parceria com outras disciplinas. A proposta envolveu turmas dos 6º e 7º anos do ensino fundamental, com a realização de atividades de campo no Parque Distrital Boca da Mata, localizado em Brasília. As atividades demonstraram potencial formativo significativo, tanto do ponto de vista cognitivo quanto socioambiental, evidenciando a relevância de aprofundar os fundamentos teóricos que sustentam práticas pedagógicas territorializadas, atentas às dinâmicas locais e à vivência dos participantes.

Quando fazemos um resgate inicial, percebemos que o ensino de Geografia tem sido historicamente caracterizado por práticas expositivas, centradas na memorização e desarticuladas da vivência concreta dos alunos. Essa abordagem contribui para o distanciamento entre os estudantes e o conhecimento geográfico, comprometendo a

construção de uma aprendizagem significativa¹ (Cavalcanti, 2008; Fernandes, 2011). Isto posto, torna-se necessário repensar as estratégias de ensino, valorizando metodologias que favoreçam o envolvimento discente, o pensamento crítico e a leitura do espaço geográfico (Dubeux; Souza, 2022; Souza; Clemente, 2023).

Não é novidade que é desafiador enfrentar o desinteresse dos educandos nas aulas de geografia. Em estudo realizado com estudantes do ensino fundamental em uma escola privada de Belém (PA), Silva (2016) compartilha da mesma percepção que nós, ao mostrar que a metodologia tradicional, marcada por aulas essencialmente expositivas e centradas na reprodução de conteúdos, não desperta o interesse dos alunos. Segundo o autor, os estudantes manifestam dificuldades em perceber a utilidade da disciplina em sua vida cotidiana, o que contribui para sua desmotivação e para a baixa participação nas atividades.

O presente trabalho emerge como desdobramento de uma trajetória marcada por essas inquietações. O nosso objetivo é discutir uma proposta de sequência didática que nasce do chão da sala de aula, da observação sensível das necessidades formativas dos alunos e da busca por práticas pedagógicas mais comprometidas com a realidade. Trata-se de uma investigação que tem como foco a metodologia do Estudo do Meio — uma abordagem que propõe a observação direta da realidade como elemento fundamental para a construção do conhecimento geográfico.

Conforme Lopes e Pontuschka (2009), o Estudo do Meio é compreendido como uma prática pedagógica que articula teoria e prática por meio da observação direta da realidade que estimula a investigação do espaço geográfico a partir da experiência concreta dos sujeitos, favorecendo a análise ponderada dos fenômenos naturais e sociais. Para eles, o movimento pedagógico construído promove a aproximação entre os conteúdos escolares e o cotidiano dos estudantes, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades de leitura, registro e interpretação do território.

¹ O termo *aprendizagem significativa* é compreendido, à luz de Ausubel, como o processo no qual novos conhecimentos se integram de maneira substantiva e não arbitrária à estrutura cognitiva já existente, favorecendo a construção de significados (PELIZZARI et al., 2002). Ressalta-se que, no presente trabalho, não se pretende aprofundar a discussão teórica sobre esse conceito, mencionando-o apenas como referência contextual.

Mais do que uma técnica pontual, o Estudo do Meio configura-se como uma estratégia capaz de integrar conteúdos, estimular o pensamento crítico, promover a leitura do espaço vivido e desenvolver nos estudantes a capacidade de interpretar as dinâmicas socioespaciais que os cercam. Portanto, essa metodologia atende a necessidade de tornar a aprendizagem em Geografia mais factual, situada e significativa, em diálogo com o que propõem os documentos curriculares e as diretrizes contemporâneas para a educação básica (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

O produto educacional compartilhado nesse estudo foi organizado como uma sequência didática fundamentada na aplicação da metodologia do Estudo do Meio, que é compreendida como uma organização pedagógica orientada para o planejamento sistemático de atividades de ensino-aprendizagem, com objetivos definidos e etapas interligadas. Como nos informa Zabala (2014), a sequência didática pode ser conceituada como um conjunto de atividades organizadas de maneira lógica, articulada e intencional, com o objetivo de promover a aprendizagem. Trata-se de uma estratégia pedagógica que integra planejamento, aplicação e avaliação, articulando teoria e prática de forma contextualizada e favorecendo a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento.

A construção da sequência didática nessa proposta de trabalho está alinhada à perspectiva de Cavalcanti (2008), que defende uma Geografia escolar comprometida com a leitura crítica do espaço e com a formação cidadã. A autora ressalta que a escola deve assumir o espaço urbano como tema educativo, promovendo a articulação entre as experiências cotidianas dos alunos e os conteúdos sistematizados em sala de aula. Assim, é compreender como os estudantes percebem, representam e vivenciam a cidade, e como essas experiências podem ser mobilizadas no processo de aprendizagem geográfica.

Ao sistematizar uma sequência didática a partir do Estudo do Meio que realizamos no Parque Distrital Boca da Mata, criamos um material de referência que pode ser utilizado por outros professores que, por sua vez, devem adaptá-la às especificidades locais. Por conseguinte, espera-se contribuir para o fortalecimento de uma atuação docente mais crítica, investigativa e comprometida com a formação de pessoas capazes de compreender e intervir no mundo em que vivem.

Dessa forma, o objetivo geral² deste trabalho é elaborar uma sequência didática, fundamentada na metodologia do Estudo do Meio, com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa em Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental, articulando os conhecimentos geográficos à educação ambiental e à formação cidadã, por meio do estímulo ao pensamento crítico e à reflexão sobre as interações entre sociedade e natureza.

A proposta será sistematizada em formato de passo a passo, com a finalidade de contribuir com a prática docente de outros professores, ampliando sua aplicabilidade para diferentes contextos escolares que valorizem o ensino a partir do território e cotidiano dos alunos.

² Embora a aprendizagem significativa, conforme definida por Ausubel (Pelizzari et al., 2002) como o processo no qual uma nova informação se relaciona de maneira substantiva e não arbitrária à estrutura cognitiva preexistente do aluno, seja uma consequência desejável do trabalho aqui proposto, ela não constitui o foco principal desta pesquisa. No presente estudo, a elaboração e sistematização de uma sequência didática fundamentada no Estudo do Meio foi o objetivo central, visando disponibilizar um recurso pedagógico aplicável e adaptável a diferentes realidades escolares. A alteração do objetivo geral para centrar-se exclusivamente na promoção da aprendizagem significativa implica mudanças estruturais na abordagem teórica e metodológica, o que mudaria o escopo deste trabalho. Dessa forma, optou-se por manter o direcionamento original, reconhecendo, entretanto, que a metodologia adotada possui potencial para favorecer aprendizagens mais integradas e contextualizadas.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O estudo do meio como metodologia de ensino em Geografia

O Estudo do Meio, enquanto prática pedagógica, possui raízes históricas profundas no contexto educacional brasileiro. Inspirado, a princípio, em educadores como Francisco Ferrer y Guardia e Célestin Freinet, estabeleceu-se como uma abordagem que busca aproximar os alunos de sua realidade, promovendo uma aprendizagem pautada no contato direto com o meio, seja ele natural ou social (LOPES; PONTUSCHKA, 2009). Como observa Goettems, a metodologia do Estudo do Meio é resultado da contribuição de diversos educadores que, com o passar do tempo, buscaram elaborar práticas de ensino que favorecessem uma melhor compreensão do mundo e enfrentassem os desafios socioeducacionais das épocas correspondentes (GOETTEMS apud LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 176).

No Brasil, embora a consolidação do Estudo do Meio tenha ocorrido a partir da década de 1960, durante o movimento da Escola Nova, há registros de sua aplicação já no início do século XX. Esses registros indicam sua presença em escolas fundadas por imigrantes anarquistas europeus, especialmente em São Paulo, que atuavam no incipiente setor industrial. Nas escolas, fortemente influenciadas pelas ideias de Ferrer, priorizava-se um ensino racional, fundamentado em observações e discussões sobre a realidade do entorno dos alunos, buscando desenvolver o espírito crítico e a consciência social (PONTUSCHKA, 2004b, apud LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 177). No entanto, por razões políticas, essas iniciativas foram duramente reprimidas e as escolas acabaram sendo fechadas.

Na década de 1960, o Estudo do Meio voltou a ganhar espaço, influenciado agora pelos ideais escolanovistas que defendiam a indissociabilidade entre escola e vida. Essa concepção foi defendida por educadores como Sylvia Magaldi, que já em 1965 afirmava: “escola é vida e não pode fechar-se, portanto, em relação àquilo que constitui, em cada momento, o próprio contexto em que o homem faz sentido” (MAGALDI, 1965, p. 69, apud LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 178). Para a autora, o Estudo do Meio seria o instrumento ideal para romper as barreiras entre o ambiente escolar e a realidade vivida pelos alunos. Porém essas experiências ficaram restritas a algumas escolas experimentais, como os Colégios de Aplicação e as Escolas Vocacionais, não chegando a influenciar amplamente a rede pública de ensino (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 178),

O contexto político do período, marcado pelo endurecimento da ditadura militar e pela edição do Ato Institucional nº 5, em 1968, dificultou ainda mais a continuidade dessas práticas. Os Estudos do Meio passaram a ser vistos como subversivos e, quando realizados, ocorriam de forma clandestina. Como afirmam os autores, “a organização de trabalhos interdisciplinares desse tipo era quase uma temeridade” (LOPES & PONTUSCHKA, 2009, p. 178).

Com o processo de redemocratização iniciado no final da década de 1970, o Estudo do Meio voltou a ganhar espaço nas discussões pedagógicas. Destaca-se, a atuação de Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação de São Paulo, entre 1989 e 1990. Durante sua gestão, o Estudo do Meio foi valorizado como ferramenta integradora de práticas interdisciplinares no ensino básico, com resultados positivos reconhecidos (LOPES & PONTUSCHKA, 2009, p. 179).

Na década de 1980, o Estudo do Meio foi amplamente discutido tanto no círculos acadêmicos quanto nas escolas, chegando a ser incorporado em ações práticas por meio de projetos implementados por administrações municipais. No entanto, foi apenas no final dos anos 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que a metodologia obteve maior reconhecimento, sendo oficialmente indicada em uma proposta curricular de alcance nacional. Esse reconhecimento impulsionou sua visibilidade, inclusive no material didático e em estratégias de divulgação de instituições privadas de ensino (LLARENA apud LIMA JR, 2014).

O percurso descrito mostra como o Estudo do Meio atravessou diferentes conjunturas pedagógicas e políticas da história brasileira. Ele consiste em um procedimento que, justamente por não seguir um modelo rígido ou um roteiro único, demonstra sua vitalidade e capacidade de adaptação frente às mudanças e desafios constantes da sociedade contemporânea.

Cavalcanti (2008) reforça que a Geografia escolar deve estar articulada ao cotidiano da comunidade escolar, valorizando o território como espaço de vivências, contradições e possibilidades educativas. Para a autora, o Estudo do Meio é uma ferramenta essencial para construir uma leitura crítica do espaço, possibilitando que os estudantes compreendam as relações socioespaciais que moldam o ambiente em que vivem.

Sobre a eficácia em diferentes contextos educacionais, Lima Junior (2014) enfatiza o potencial para discutir questões socioambientais de forma concreta ao utilizar o Estudo do Meio para abordar problemas ambientais urbanos. Já Nascimento (2022), ao investigar a sua aplicação precisamente no Ensino Médio, destaca como a prática contribui para a construção do conceito de território através da vivência dos alunos.

Além disso, Nascimento (2022), em sua pesquisa sobre o uso do Estudo do Meio no Ensino Médio, sublinha como a exploração do território próximo à escola permitiu aos alunos reconhecerem aspectos antes invisibilizados do espaço, desenvolvendo um olhar criterioso sobre as dinâmicas sociais e ambientais que o constituem. Essa abordagem reforça o papel do território como elemento mediador da aprendizagem, no qual o aluno passa a compreender que o espaço não é neutro, mas sim resultado das ações humanas em constante transformação.

Ramos (2017, pg 57) reforça que, ao trabalhar o conceito de lugar no ensino de Geografia, o professor deve estimular os estudantes a perceberem as relações entre o ambiente e suas próprias histórias de vida, oportunizando o senso de pertencimento e a responsabilidade socioambiental. Isso é essencial para a formação cidadã, pois conecta o conhecimento científico às práticas e significados do cotidiano.

Fernandes (2011) aponta que o Estudo do Meio, ao ser realizado no território do aluno, possibilita uma aprendizagem mais contextualizada, uma vez que o estudante se reconhece como parte do espaço investigado. A experiência direta favorece a construção de saberes que fazem sentido, em oposição à simples memorização de informações descoladas da realidade.

Lambert (2015) e Duarte et al. (2022) ressaltam que o Estudo do Meio deve ser planejado de forma a valorizar essa conexão entre o espaço vivido e os conteúdos escolares, permitindo que os alunos desenvolvam competências analíticas, críticas e reflexivas sobre o ambiente em no qual eles estão inseridos.

Por conseguinte, a integração dos conceitos de território e lugar às práticas pedagógicas, por meio do Estudo do Meio, contribui não apenas para o entendimento das dinâmicas geográficas, mas também para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua posição no espaço e capazes de intervir de maneira propositiva no mundo.

Lambert (2015) amplia essa discussão ao associar o Estudo do Meio à Educação Ambiental crítica, defendendo que a prática deve ir além da observação da natureza e estimular a compreensão dos conflitos socioambientais presentes no território. Segundo ele, a metodologia permite que o aluno desenvolva uma postura investigativa e engajada, essencial para a formação de uma consciência cidadã e ecológica.

Além do caráter investigativo, o Estudo do Meio também se destaca pela ~~sua~~ interdisciplinaridade, integrando saberes da Geografia, História, Biologia e outras ciências. Como aponta Lopes (2016), essa prática “visa proporcionar ao aluno o contato direto com determinada realidade, buscando desenvolver um “olhar crítico e investigativo sobre uma aparente naturalidade do viver social”.

2.2 As etapas de aplicação do Estudo do Meio

A aplicação da metodologia do Estudo do Meio envolve uma série de etapas interligadas que visam integrar teoria e prático. Em linhas gerais, a realização do Estudo do Meio passa por um processo estruturado que compreende, inicialmente, o **reconhecimento do espaço social** a ser estudado, com o levantamento prévio de fontes diversas — como arquivos, memórias e objetos materiais. Depois, define-se uma **problemática central** que norteará a investigação, garantindo intencionalidade à atividade e permitindo uma abordagem contextualizada e crítica da realidade observada. Pontuschka et al. (1992)

Em seguida, realiza-se a **organização do roteiro de trabalho**, com a identificação das atividades a serem desenvolvidas, a divisão de tarefas, a seleção dos materiais necessários e o planejamento da logística. Essa etapa é essencial para garantir que os estudantes se envolvam de forma ativa e saibam o que observar, registrar e analisar. O momento da execução do trabalho de campo é marcado pela observação direta, entrevistas, registro fotográfico e coleta de dados diversos, sempre com atenção ao contato com os sujeitos do espaço estudado. Feita essa experimentação, inicia-se a **sistematização e análise dos dados coletados**, que inclui a produção de materiais didáticos, reflexões coletivas, socialização dos resultados e, sempre que possível, o **retorno do conhecimento produzido à comunidade** envolvida.

Entre as diversas contribuições encontradas na literatura acerca da sistematização da metodologia, a publicação “*Para Ensinar e Aprender Geografia*” se tornou uma referência importante no tocante à estruturação da metodologia do Estudo do Meio. Pontuschka, Paganelli e Cacete propõem cinco etapas fundamentais que organizam essa prática pedagógica em momentos distintos e interligados. Essas etapas oferecem uma base sólida para que a atividade de campo não seja apenas uma excursão, mas uma experiência educativa significativa, com intencionalidade e rigor investigativo. (p. , 2009)

A *primeira etapa*, denominada "**O encontro dos sujeitos sociais: dissonâncias e concordâncias**", corresponde ao momento inicial de mobilização dentro da escola, no qual surge a proposta coletiva de realização de uma pesquisa voltada à articulação entre áreas do conhecimento e à qualificação da formação dos estudantes. Trata-se de uma fase de reflexão crítica sobre a prática pedagógica vigente e de questionamento à fragmentação do saber escolar, com o objetivo de promover ações interdisciplinares significativas. A interdisciplinaridade se configura, inicialmente, como qualquer prática pedagógica que envolva duas ou mais disciplinas e que contribua para uma atuação docente menos mecânica e mais reflexiva. Ainda que as escolas apresentem realidades distintas e docentes com diferentes visões de mundo, é nesse momento que pode emergir um grupo disposto a enfrentar os desafios do trabalho coletivo, abrindo-se ao diálogo e à construção conjunta do conhecimento, sem abandonar as especificidades de suas áreas. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009)

Nesse contexto, o Estudo do Meio é entendido como um método que valoriza o professor enquanto pesquisador de sua própria prática, do território em que atua e da realidade de seus alunos. Ele "tem como meta criar o próprio currículo da escola, estabelecendo vínculos com a vida de seu aluno e com a sua própria, como cidadão e como profissional" (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 176). A escolha do objeto da pesquisa e do local a ser estudado decorre das representações sociais e dos conteúdos disciplinares envolvidos, sendo a Geografia chamada a contribuir de forma decisiva para avaliar as potencialidades e limites da área selecionada para a investigação.

A *segunda etapa* do Estudo do Meio consiste na **visita preliminar e a opção pelo percurso** a ser realizado. Escolher o espaço a ser investigado não é um gesto aleatório, mas uma ação que envolve intencionalidade e compromisso com o projeto pedagógico. "Escolher e optar não são

práticas fortuitas, mas definidoras da vida" (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 176). Essa decisão representa uma escolha curricular, que deve ocorrer de forma coletiva, considerando os objetivos de todas as disciplinas. A visita prévia ao local é indispensável para conhecer as condições reais do espaço e avaliar aspectos logísticos, como o tempo de deslocamento da escola até o campo, o meio de transporte necessário e a viabilidade de realização da atividade no tempo previsto.

Outrossim, é necessário verificar quais lugares apresentam elementos significativos para contemplar os objetivos de aprendizagem. As plantas e mapas, funcionam como ferramentas de apoio à compreensão espacial, contribuindo para o reconhecimento prévio dos lugares e a localização de equipamentos urbanos ou rurais nesta etapa do planejamento. Também é preciso levantar a bibliografia para subsidiar o trabalho, bem como identificar os autores mais recorrentes nas discussões do grupo de professores. Escolhido o local e definido o eixo orientador da investigação, pode-se seguir para o planejamento detalhado com a participação ativa de todos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

A *terceira etapa* é o **planejamento** e é central para a realização do Estudo do Meio. Ele deve ser conduzido com rigor e atenção aos detalhes. "Qualquer saída com professores ou alunos precisa ser meticulosamente planejada", embora reconheçamos que nem todas as atividades previstas serão efetivamente realizadas, pois o trabalho de campo está sujeito a imprevistos — alguns dos quais podem enriquecer a experiência, enquanto outros impõem limitações (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 177).

Dentre os objetivos elencados pelas autoras para orientar o planejamento, destacam-se: a consolidação do Estudo do Meio como método de ensino interdisciplinar, no qual pesquisa e ensino interagem; a verificação de testemunhos de diferentes tempos e espaços, observando transformações e permanências; o levantamento dos sujeitos sociais a serem entrevistados; a organização das observações a serem realizadas — incluindo registros escritos, desenhos, fotografias e filmagens —; e o compartilhamento dos diferentes olhares dos participantes da atividade (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 177).

É essencial considerar a coleta de dados específicos sobre o local e seus frequentadores, identificar os conteúdos curriculares disciplinares e interdisciplinares a serem trabalhados, elaborar instrumentos de avaliação participativos, produzir recursos didáticos com base nos

registros obtidos e planejar formas de divulgação dos processos e dos resultados. Todos esses elementos devem estar registrados no caderno de campo e servir de guia para a ação docente e discente (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 178).

Em seguida passamos para a quarta etapa, onde o objetivo é a **elaboração do caderno de campo**, etapa fundamental para organizar e orientar o processo investigativo que será realizado durante o Estudo do Meio. Segundo as autoras, esse caderno constitui-se em uma importante fonte de pesquisa, sendo necessário planejar previamente os instrumentos que serão utilizados, os procedimentos de coleta de dados, os registros que deverão ser produzidos, como entrevistas, desenhos e fotografias, e a definição das responsabilidades de cada integrante da equipe envolvida na atividade (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 178).

A construção coletiva desse material é considerada ideal, pois fortalece o compromisso com a proposta didática. Quando isso não for possível, cabe à equipe de coordenação elaborar um caderno que contemple as ações previstas, acompanhadas de orientações claras para garantir a qualidade da investigação em campo. Ainda que nem todas as atividades possam ser executadas integralmente com a turma, é imprescindível que todos estejam familiarizados com o conteúdo do caderno e que compreendam bem a sua função.

Mesmo que nem todas as atividades possam ser executadas integralmente com os alunos, é imprescindível que eles sejam familiarizados com o conteúdo do caderno e orientados quanto à sua função. Os participantes devem compreender a relevância do processo de observação, da produção de registros escritos e visuais, bem como do papel das entrevistas na construção do conhecimento sobre o local investigado. Como afirmam as autoras, “o significado da entrevista e sua enorme importância para a reflexão sobre as representações sociais dos moradores, comerciantes, profissionais liberais, administradores” deve ser evidenciado. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 179).

Também se destaca o valor do desenho como forma de expressão e registro, além da leitura de textos teóricos que fundamentam a metodologia empregada. O caderno pode conter diferentes seções: uma capa com imagem relacionada ao objeto de estudo; uma página em branco destinada à identificação pessoal do estudante; um roteiro da pesquisa com mapas e plantas temáticas do local; textos que abordam aspectos metodológicos e contextuais; e um roteiro de

entrevistas com perguntas abertas, que permitam ao entrevistado expor livremente suas percepções sobre o espaço estudado. Importante reforçar que o material utilizado nessa etapa deverá ser adequado à realidade material de execução da prática pedagógica.

A *quinta etapa* do Estudo do Meio, definida como a “**pesquisa de campo reveladora da vida**”, representa o momento da vivência direta e sensível do espaço. Para que essa experiência se concretize em aprendizagem significativa, é fundamental que educadores e educandos superem as limitações impostas pelo cotidiano repetitivo e pela mecanização dos sentidos. Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), trata-se de um momento de abertura ao diálogo com o espaço, com as pessoas, com a história, com os colegas e com os diversos saberes envolvidos, constituindo uma instância privilegiada de construção conjunta entre prática e teoria. Deve-se, então, sair a campo desprovido de julgamentos e preconceitos, disposto a liberar os sentidos — olhar, ouvir, cheirar, tatear e degustar — para realizar uma “leitura afetiva” da realidade (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 180).

Nesse processo, atividades como os desenhos ganham destaque, pois exigem que os alunos observem repetidamente os objetos e os espaços que desejam representar, aprimorando assim a atenção e a percepção do lugar. A singularidade de cada olhar enriquece o processo investigativo, criando diferentes formas de compreensão do território. Já as entrevistas são momentos especialmente valorizados por sua capacidade de revelar a vida cotidiana dos sujeitos sociais. As falas dos entrevistados, ao serem escutadas com atenção e respeito, constroem pontes entre as experiências vividas e o conhecimento geográfico, promovendo uma relação afetiva entre entrevistador e entrevistado. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 180).

As entrevistas tornam-se janelas para o entendimento da cidade e das formas como seus habitantes percebem e se inserem no mundo. As falas coletadas podem carregar sentimentos diversos — como poesia, ironia ou amargura — e, ao expressarem os ritmos, as marcas no tempo e no espaço, as belezas e as dores dos lugares, revelam não apenas um conteúdo geográfico, mas a própria vida em sua complexidade (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 181).

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) evidenciam que essas *cinco etapas* dão sentido ao Estudo do Meio, viabilizando a articulação entre o saber escolar e o mundo vivido, em uma abordagem que valoriza a experiência tangível dos alunos e promove a construção coletiva do conhecimento. Importante salientar que todas essas etapas poderão ser flexibilizadas de acordo com as condições reais dos sujeitos envolvidos.

A organização metodológica permite que o Estudo do Meio se configure não apenas como um exercício pontual, mas como um projeto pedagógico que articula conteúdos escolares a partir da experiência vivida e da análise crítica da realidade. De acordo com a nossa referência bibliográfica, a prática rompe com o isolamento disciplinar, promovendo a interdisciplinaridade e o protagonismo discente ao estimular a produção de novos saberes por meio da investigação, da problematização e da reelaboração crítica da realidade.

Finalmente, Lopes e Pontuschka (2009) afirmam que o Estudo do Meio favorece uma compreensão integrada da Geografia Física e Humana, superando a dicotomia tradicional da Geografia, oferecendo ao aluno uma visão mais ampla e crítica do espaço geográfico.

Dessa forma, o Estudo do Meio se consolida como uma metodologia fundamental para o ensino de Geografia diante dos desafios apresentados em sala de aula, ao promover a articulação entre teoria e prática, estimular a investigação, fortalecer o vínculo com o território e contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos. Se concebida como uma prática investigativa, ela vai além da simples observação do ambiente. O Estudo do Meio é uma ferramenta que estimula o questionamento, a análise crítica e a construção coletiva do conhecimento, aspectos essenciais para a formação de sujeitos autônomos e conscientes de seu papel social.

Segundo Fernandes (2011), o Estudo do Meio deve ser planejado como uma experiência pedagógica que propicie a investigação do espaço geográfico, incentivando os alunos a formularem hipóteses, identificarem problemas e buscarem soluções a partir das circunstâncias nas quais estão inseridos. O estudante é transformado em protagonista do processo de aprendizagem, rompendo com a lógica passiva costumeira.

Ou seja, o Estudo do Meio, quando orientado por uma perspectiva investigativa, se consolida

como uma metodologia potente para a formação de sujeitos críticos e atuantes. Ele promove a articulação entre conhecimento geográfico, consciência cidadã e ação social, contribuindo para uma educação comprometida com a transformação da realidade.

Lopes (2009) reforça que o caráter heurístico do Estudo do Meio exige do professor uma postura mediadora, capaz de orientar o olhar dos alunos para além do visível, estimulando a interpretação das dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que estruturam o território. A prática investigativa, contribui para o desenvolvimento de competências analíticas e para a compreensão das contradições presentes no espaço vivido.

Além disso, essa metodologia fortalece a relação entre escola e comunidade, ao possibilitar que os estudantes reconheçam os problemas socioambientais do seu entorno e reflitam sobre formas de intervenção. Essa vivência contribui para a formação cidadã, na medida em que desperta a consciência social e ambiental, promovendo o engajamento dos alunos em questões coletivas (DUARTE et al., 2022).

Radtke (2017) frisa que a dimensão crítica do Estudo do Meio deve ser constantemente reforçada, a fim de evitar que a atividade se reduza a um passeio ou a uma mera contemplação do espaço; uma atividade descontextualizada ou meramente recreativa. Para a ela, a prática investigativa deve estar comprometida com a construção de um pensamento questionador, capaz de analisar as estruturas de poder e as desigualdades existentes ao nosso redor.

O papel do professor no Estudo do Meio vai além da organização logística da atividade. Cabe ao educador planejar intencionalmente cada etapa — antes, durante e após a saída de campo — de forma que os objetivos pedagógicos sejam alcançados e os alunos desenvolvam autonomia na observação e análise do espaço geográfico. O docente deve atuar como um facilitador, criando condições para que o estudante investigue, questione e construa seu próprio saber. Como nos informa Costa e Moreira (2017) “o professor precisa se ver pesquisador, buscar teorias e metodologias em busca de respostas para os desafios pedagógicos encontrados na relação pedagógica com os estudantes e ao mesmo tempo, no diálogo com o espaço geográfico onde está inserido.” (p.32)

A mediação docente é essencial para evitar que o Estudo do Meio se reduza a uma atividade

descontextualizada ou meramente recreativa. Cabe ao professor conduzir o olhar dos alunos para além da superfície, incentivando a identificação de problemas socioambientais, a compreensão das dinâmicas territoriais e a relação entre teoria e prática.

De acordo com Fernandes (2011), a postura investigativa do aluno só é desenvolvida quando o professor propõe desafios, orienta a formulação de hipóteses e promove momentos de debate e sistematização do conhecimento após a experiência de campo. A mediação, portanto, não se restringe ao acompanhamento da atividade externa, mas se estende à preparação prévia e à reflexão posterior em sala de aula.

Além disso, o professor mediador deve estimular a interdisciplinaridade, articulando o Estudo do Meio com outras áreas do conhecimento, conforme defendem Lopes (2009) e Lambert (2015). Essa integração amplia a compreensão do espaço geográfico e enriquece a análise crítica dos fenômenos observados.

A experiência prática de Fonseca (2022) demonstra que, ao adotar uma postura mediadora ativa, o professor potencializa o protagonismo estudantil e transforma a atividade de campo em um momento de construção coletiva do conhecimento. Na sequência didática aplicada no Parque Boca da Mata, a atuação docente foi essencial para orientar os alunos na leitura crítica do território e na elaboração de propostas de intervenção socioambiental.

Dessa forma, o professor, enquanto mediador, desempenha um papel central na efetividade do Estudo do Meio, garantindo que o propósito seja cumprido: promover uma aprendizagem significativa, crítica e voltada para a formação de cidadãos conscientes e atuantes.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Elaborar uma sequência didática, fundamentada na metodologia do Estudo do Meio, com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa em Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental, articulando os conhecimentos geográficos à educação ambiental e à formação cidadã, por meio do estímulo ao pensamento crítico e à reflexão sobre as interações entre sociedade e natureza.

3.2 Objetivos Específicos

- Analisar criteriosamente uma experiência didática anterior de aplicação do Estudo do Meio com turmas do 6º ano do CEF 05 de Taguatinga, realizada no Parque Distrital Boca da Mata, em Taguatinga, no Distrito Federal.
- Sistematizar os resultados dessa análise e organizá-los em uma proposta estruturada de sequência didática, que possa servir de referência para outros professores de Geografia.
- Sistematizar a sequência didática em guia pedagógico, a fim de contribuir com a prática docente de outros professores.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho insere-se no campo da abordagem qualitativa, considerando a sua natureza interpretativa e o interesse em compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas em contextos educacionais específicos. De acordo com Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ocorrer em ambiente natural, priorizando o contato direto e prolongado do pesquisador com o campo de estudo. Essa interação permite que o investigador compreenda as particularidades do fenômeno investigado, tendo em mente os sentidos atribuídos pelos participantes, seus comportamentos e contextos socioculturais, o que é vital quando buscamos entender efetivamente processos educativos. “A utilização desses termos deve ser feita de forma cuidadosa, já que no processo de transplante para a área de educação, eles sofreram uma série de adaptações” Lüdke e André (1986)

O uso do método qualitativo justifica-se pela intencionalidade de descobrir como práticas pedagógicas contextualizadas podem contribuir para a construção de saberes geográficos significativos. O pesquisador, nesse caso, atua como sujeito ativo na elaboração e sistematização da proposta, ancorando-se em referenciais teóricos que articulam ensino, território, currículo e metodologias investigativas.

Nosso percurso investigativo inclui análise documental, revisão bibliográfica, reflexão crítica sobre práticas pedagógicas anteriores e elaboração de um produto educacional - a sequência didática - que possa ser adaptado por outros contextos educacionais.³

A partir dessa base metodológica, o trabalho avança para a descrição da experiência prática que orientou a elaboração do produto educacional. Trata-se de um conjunto de atividades realizadas com turmas do 6º e 7º ano do CEF 05 de Taguatinga, organizadas segundo os princípios do Estudo do Meio.

O relato a seguir busca apresentar o percurso de planejamento, execução e sistematização de

³ Cabe ressaltar que este trabalho não buscou realizar uma investigação empírica recente que permitisse mensurar impactos quantitativos ou qualitativos da proposta junto aos estudantes. O foco foi a sistematização de uma sequência didática fundamentada no Estudo do Meio. Estudos futuros poderão aprofundar a análise dos efeitos da aplicação, ampliando os instrumentos de avaliação e de escuta discente.

uma saída de campo ao Parque Distrital Boca da Mata. Essa vivência pedagógica, realizada nos anos de 2022 e 2023, serviu como ponto de partida da experiência do pesquisador no uso da metodologia e forneceu elementos para a construção da sequência didática.

Ao detalhar essa experiência, procura-se demonstrar como os referenciais teóricos anteriormente discutidos puderam ser traduzidos em práticas concretas de ensino de Geografia. O objetivo não é apenas relatar uma vivência isolada, mas evidenciar o potencial formativo do Estudo do Meio e justificar a organização da proposta didática apresentada como produto final.

4.1 A Experiência No Parque Boca Da Mata

A sequência didática apresentada é fruto de uma experiência anterior desenvolvida por nós. Nela, testamos a aplicação da metodologia do Estudo do Meio com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental em visita ao Parque Distrital Boca da Mata, localizado entre Taguatinga e Samambaia, no Distrito Federal. Essa prática inicial forneceu subsídios importantes para a elaboração de uma proposta mais sistematizada e adaptável, voltada à replicação por outros professores de Geografia, em contextos territoriais diversos.

O Estudo do Meio foi adotado por articular teoria e prática através de observações, investigações e intervenções sobre o espaço vivido, como já discutimos no capítulo “Revisão Bibliográfica”

A sequência didática foi dividida em **oito aulas planejadas**, organizadas de modo progressivo para que o estudante percorra todas as etapas da investigação geográfica: desde o reconhecimento do território até a proposição de intervenções e a socialização do conhecimento com a comunidade escolar.

A divisão também fundamenta-se nos trabalhos de Abreu (2018), Oliveira (2013), Dubeux e Souza (2022), que salientam a importância de etapas encadeadas que valorizem a mediação docente, o protagonismo discente e a articulação entre os conteúdos escolares e a realidade local. Essa lógica está alinhada à concepção de aula de campo como prática integradora, que permite “verificar na realidade algo que já foi estudado anteriormente em sala de aula” (ALBUQUERQUE, 2012), ampliando a compreensão dos estudantes sobre o espaço

geográfico.

Enfatizamos que, idealmente, essa proposta não se limita à realidade do Parque Boca da Mata, mas deve ser um modelo pedagógico flexível e replicável, que pode ser adaptado a diferentes territórios e contextos escolares. Ao sistematizar uma experiência bem sucedida em forma de produto educacional, pretendemos contribuir com professores de Geografia que desejam implementar uma metodologia mais investigativa, crítica e contextualizada no ensino fundamental.

4.2 Contextualização e Planejamento

Sobre a Sequência Didática

A organização da sequência didática seguiu os princípios apontados por Oliveira (2013), -que a entende como “um procedimento de ensino em que o conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem”. Para a construção dessa estrutura, é mister que, nós, os docentes não deixemos de pensar em todas as fases do processo, da problematização até a sistematização do conhecimento.

Segundo Zabala (2014), a sequência didática constitui-se como um “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais”, os quais são previamente conhecidos tanto por professores quanto por alunos. Essa organização se diferencia por integrar, de forma coerente, momentos de planejamento, aplicação e avaliação, articulando os conteúdos escolares com as metodologias adequadas à sua abordagem.

Ao reunir essas atividades em uma sequência lógica e intencional, busca-se garantir a continuidade do processo de aprendizagem, respeitando o ritmo dos estudantes e promovendo sua participação ativa. Nesse sentido, a sequência didática não é apenas uma organização de conteúdos, mas sim uma estratégia que confere intencionalidade ao ensino e favorece a construção significativa do conhecimento, articulando teoria e prática de maneira reflexiva e contextualizada.

Abreu (2018) propõe que o planejamento inclua aspectos como definição de objetivos

educacionais, elaboração de roteiros de observação, análise prévia do local da atividade de campo, autorizações e recursos materiais necessários. A etapa de execução, por sua vez, deve estimular o contato direto com a realidade, favorecendo uma abordagem investigativa dos conteúdos geográficos. Como ressaltam Dubeux e Souza (2012), a sequência didática deve partir do envolvimento ativo do aluno, possibilitando que ele “desenvolva capacidades, habilidades e gosto pelo processo de aprender”, promovendo a aprendizagem significativa a partir da mediação docente e da interação com o espaço vivido.

Essa lógica está em consonância com a perspectiva de que a aula de campo, elemento central desta proposta, permite “verificar na realidade algo que já foi estudado anteriormente em sala de aula”, favorecendo a integração entre teoria e prática (Albuquerque, 2012).

Por fim, a sistematização da experiência em sala de aula é essencial para consolidar o processo formativo. De acordo com Corrêa Filho (2015), essa etapa permite ao professor avaliar não apenas os resultados da aprendizagem, mas também a eficácia das estratégias utilizadas, promovendo um retorno reflexivo à prática docente.

Assim, a sequência proposta neste trabalho encontra respaldo teórico em autores que compreendem o ensino de Geografia como um processo articulado entre planejamento, vivência e reflexão crítica sobre o espaço, a partir de práticas metodológicas significativas.

A sequência didática foi estruturada para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, com base na metodologia do Estudo do Meio. A proposta tem como cenário a Unidade de Conservação Parque Distrital Boca da Mata, localizada entre as regiões administrativas de Taguatinga e Samambaia, próxima à escola. O local foi escolhido não apenas por sua relevância ambiental e pedagógica, mas também por sua acessibilidade, o que facilitou o vínculo dos alunos com o território onde vivem (Gondim; França, 2023).

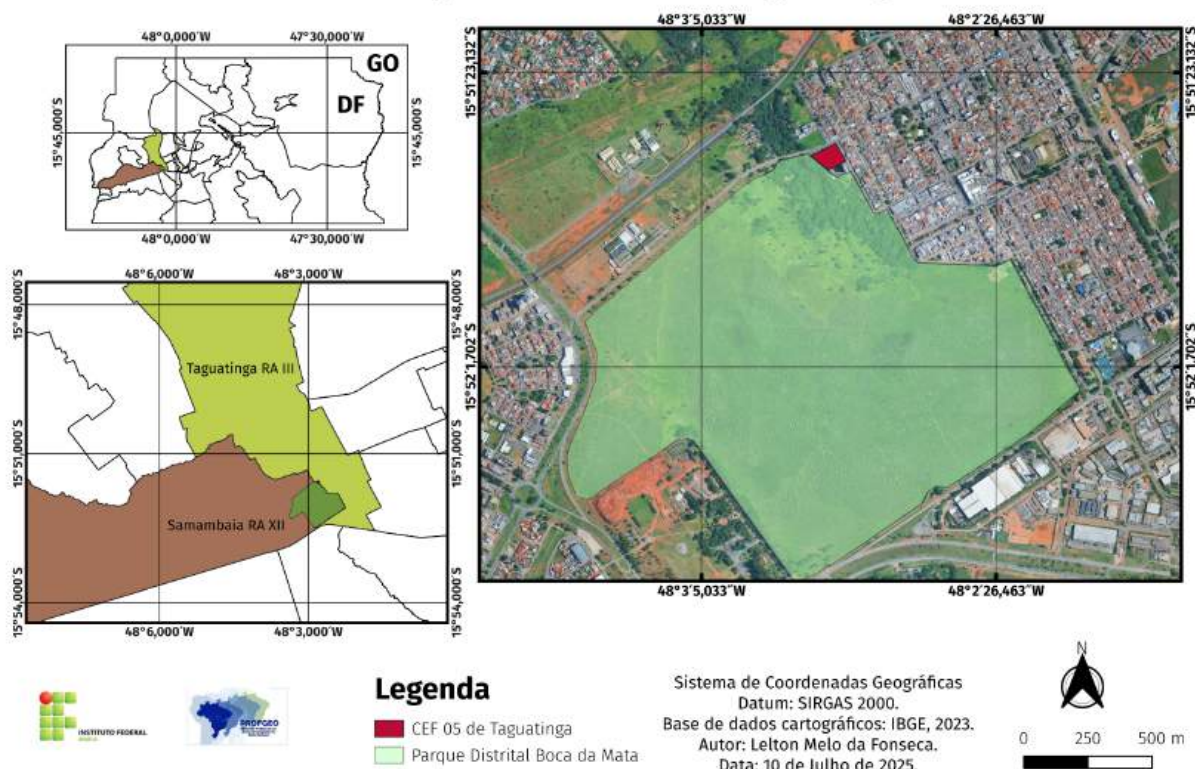
4.3. Área de Estudo

A Escola

De acordo com o Projeto Político Pedagógico no site da Secretaria de Educação, em 2023, o Centro de Ensino Fundamental 05 de Taguatinga (CEF 05) é uma instituição pública de

ensino localizada na região administrativa de Taguatinga, no Distrito Federal. Fundada em 1974, a escola atende estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, distribuídos nos turnos matutino e vespertino.

Localização - CEF 05 de Taguatinga



O CEF 05 está inserido em um contexto urbano consolidado, situado em uma região que concentra famílias de diferentes origens socioeconômicas. Muitos dos estudantes residem nas proximidades da escola, o que facilitou a vinculação entre o território e os processos educativos. A comunidade escolar caracteriza-se pela diversidade cultural e pelo forte envolvimento dos servidores na construção de uma proposta pedagógica crítica, participativa e inclusiva. A gestão da escola valoriza o diálogo entre os diversos segmentos e busca consolidar uma cultura escolar pautada na cooperação, no respeito mútuo e no protagonismo estudantil.

No aspecto físico e estrutural, a escola conta com 11 salas de aula, biblioteca, sala de recursos multifuncionais, laboratório de informática, pátio coberto, cantina, coordenação pedagógica e

espaços administrativos. Nos últimos anos, tem havido um esforço coletivo para revitalizar os espaços escolares, tornando-os mais acolhedores e adequados às práticas pedagógicas contemporâneas. A escola também mantém projetos de extensão voltados à valorização da cultura, do meio ambiente e da cidadania, dialogando com a realidade local e fortalecendo a função social da educação.



Salas de aula do CEF 05

Fonte: Acervo pessoal do autor.

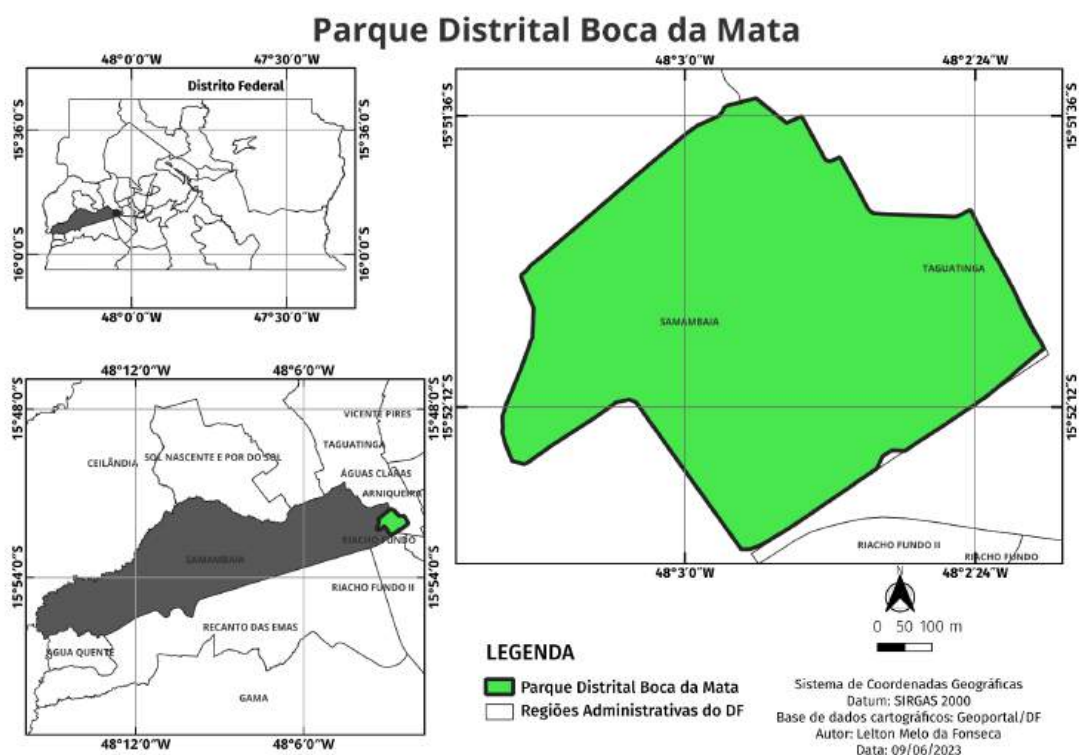
Os sujeitos envolvidos na pesquisa desenvolvida neste trabalho foram os próprios estudantes do CEF 05, especialmente os matriculados no 6º ano, público-alvo da sequência didática proposta. Trata-se de um grupo formado majoritariamente por adolescentes entre 11 e 13 anos, com distintas vivências e experiências territoriais. Os estudantes que participaram da atividade eram oriundos do 6ºC e 7ºB no ano de 2022. A experiência foi replicada também em 2023. Com os mesmos perfis de estudantes. De turmas do 6º ano e 7ºano. Oriundos das turmas E e D respectivamente.

A proposta de ensino pautada no Estudo do Meio, portanto, dialoga diretamente com o contexto escolar e com as necessidades formativas desses estudantes, ao articular os conteúdos geográficos ao território vivido e ao promover uma aprendizagem significativa ancorada na realidade local.

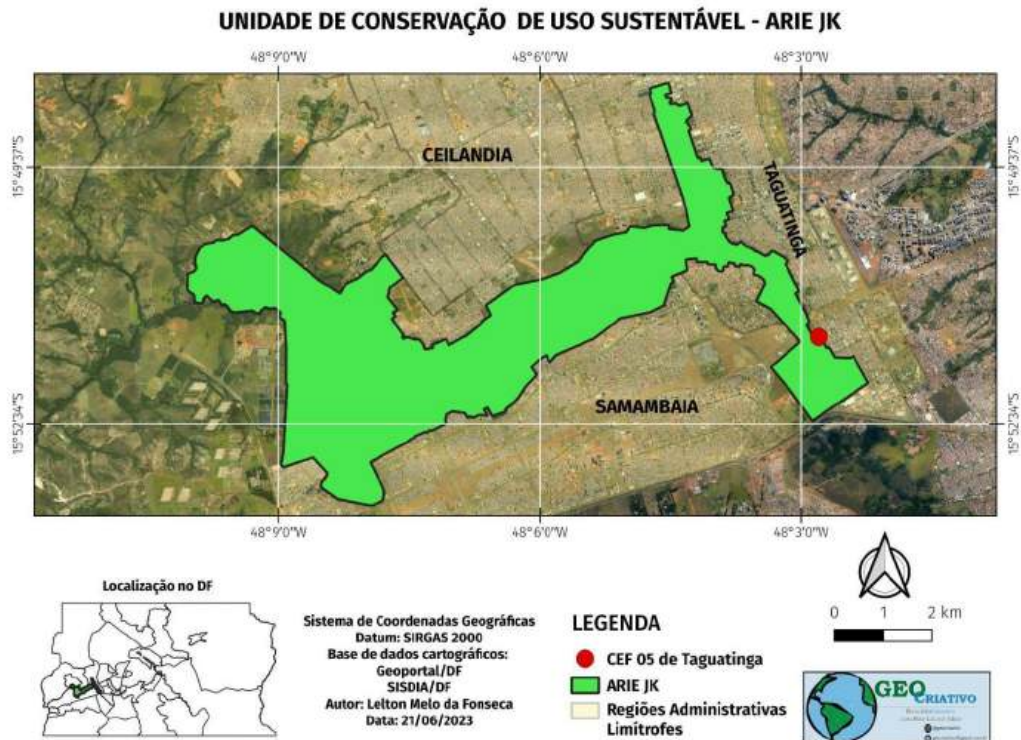
O Parque Distrital Boca da Mata

O Parque Distrital Boca da Mata é uma Unidade de Conservação de uso sustentável instituída pelo Decreto nº 32.718/2010, com localização estratégica entre as regiões administrativas de Taguatinga e Samambaia, no Distrito Federal. Sua criação responde à necessidade de preservar áreas de Cerrado ameaçadas pela expansão urbana e promover a articulação entre meio ambiente e qualidade de vida nas cidades.

Como apontam Gondim e França (2023), o parque configura-se como um espaço de resistência ambiental, inserido em contexto urbano e rodeado por dinâmicas territoriais que tensionam a preservação ambiental.



No campo da Geografia, a escolha do parque como espaço educativo permite problematizar o uso e ocupação do solo, as formas de apropriação da natureza e os conflitos socioambientais gerados pelo avanço urbano. A unidade de conservação oferece, portanto, condições para o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas que articulam a leitura da paisagem, a análise dos processos espaciais e a vivência territorial dos estudantes.



Nesse sentido, o Parque Boca da Mata assume papel central como lugar de aprendizagem geográfica, permitindo a observação direta das contradições entre conservação e urbanização, a análise dos impactos ambientais e a construção de propostas de intervenção pautadas na sustentabilidade. Sua proximidade da escola potencializa a mobilização do conhecimento situado, tornando o território vivido uma ferramenta didática potente e acessível.

4.4. Etapas da Sequência Didática

A sequência didática apresentada a seguir é fruto de uma experiência pedagógica desenvolvida em 2022, no âmbito do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em

Metodologias Ativas, realizado junto ao Centro de Ensino Fundamental 05 de Taguatinga. A proposta foi aplicada com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental e teve como objetivo promover a Educação Ambiental por meio de atividades práticas e reflexivas ancoradas na realidade local, utilizando como espaço de investigação o Parque Distrital Boca da Mata/DF. As atividades buscaram integrar observação, registro, análise e reflexão crítica sobre os elementos naturais e os problemas ambientais do território, proporcionando aos alunos uma vivência concreta e significativa de aprendizagem. Foi durante esse percurso que ocorreu o primeiro contato com a proposta do Estudo do Meio enquanto metodologia de ensino da Geografia, o que ampliou a compreensão sobre suas possibilidades pedagógicas e despertou o interesse em aprofundar os estudos sobre essa abordagem como caminho para a construção de aprendizagens mais contextualizadas e transformadoras (FONSECA, 2022).

Diante da avaliação favorável da experiência e inserido no contexto do mestrado profissional em ensino de Geografia, no ano de 2023 a proposta foi retomada, reorganizada e aprimorada à luz das contribuições teóricas adquiridas ao longo da formação. A nova estrutura da sequência foi fundamentada na metodologia do Estudo do Meio, conforme discutido por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), e buscou articular práticas investigativas, vivências territoriais e reflexão crítica. Com isso, pretende-se oferecer uma proposta pedagógica adaptável a diferentes contextos escolares e coerente com os princípios de uma educação geográfica comprometida com a formação de sujeitos críticos e territorialmente conscientes.

É importante destacar que a descrição da sequência em cinco etapas segue a estrutura metodológica proposta por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) para o desenvolvimento do Estudo do Meio no ensino de Geografia, buscando manter uma organização coerente com os fundamentos teóricos da área. No entanto, essa divisão em etapas não corresponde, necessariamente, ao número exato de aulas ministradas, pois esse dado varia conforme o contexto e não constitui o foco do presente relato. Cabe a cada professor, diante de sua realidade específica, avaliar o tempo necessário para o planejamento e a execução das atividades propostas. Mesmo tratando-se da mesma escola na experiência compartilhada, observou-se que, entre os anos de 2022 e 2023, houve variações no número de aulas utilizadas para executar a mesma sequência, o que reforça a importância de compreender as etapas aqui descritas e proposta de compartilhamento de um produto educacional como referências

flexíveis, adaptáveis às condições e dinâmicas de cada turma e de cada instituição. Os registros fotográficos abordam momentos variados de execução da atividade ao longo das etapas.

Para fechar os apontamentos acerca da socialização da experiência, cabe observar que a explicitação das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) associadas a cada etapa da sequência didática ao longo do texto, teve como objetivo evidenciar o alinhamento da proposta pedagógica aos referenciais curriculares vigentes para o ensino de Geografia no Ensino Fundamental. A BNCC, como documento normativo, orienta a organização dos conteúdos, competências e habilidades essenciais a serem desenvolvidas ao longo da escolaridade básica. Ao destacar tais habilidades no contexto das atividades propostas, buscou-se favorecer a compreensão do potencial formativo da sequência, possibilitando que outros docentes possam visualizar, de forma objetiva, quais dimensões do conhecimento geográfico foram mobilizadas em cada momento do trabalho. Além disso, a associação entre prática pedagógica e habilidades previstas contribui para fortalecer a intencionalidade educativa da proposta, respeitando a diversidade de contextos e a autonomia dos professores na adaptação das estratégias às realidades escolares em que atuam.

Etapa 1 – Introdução ao Cerrado e à Educação Ambiental:

Nesta aula inicial, os estudantes foram apresentados ao bioma Cerrado, suas características físicas, biodiversidade, importância ecológica e ameaças ambientais. Utilizamos recursos didáticos variados, como vídeos, mapas temáticos e textos explicativos, para contextualizar a realidade ambiental do Centro-Oeste. Em seguida, foi introduzido o conceito de Unidade de Conservação, com foco no Parque Distrital Boca da Mata, sua localização e função socioambiental.

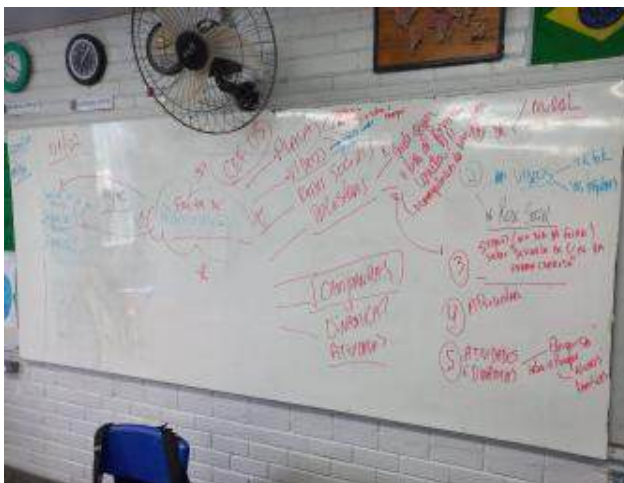
A aula teve como objetivo despertar o interesse e a percepção crítica dos alunos sobre a conservação da natureza, conectando o conteúdo com a realidade local. A atividade foi finalizada com uma roda de conversa, em que os alunos relataram seus conhecimentos prévios e impressões sobre o parque. Como recurso adicional, foi exibido um vídeo⁴ com imagens

⁴ O vídeo foi produzido por um morador da comunidade que mantém um canal de registros audiovisuais com drones. A parceria foi firmada no contexto do projeto pedagógico de 2022, e o material contribuiu para ampliar o repertório visual dos alunos. Disponível em: WAGNERDCO. *Drone Boca da Mata Taguatinga DF*. YouTube, 21 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=quUZGpRRmEg>. Acesso em: 30 jul. 2025.

aéreas do Parque Distrital Boca da Mata, produzido por um morador da comunidade que realiza registros audiovisuais com drones. A parceria possibilitou aos estudantes uma visão panorâmica da paisagem, favorecendo a leitura e análise do território a partir de diferentes escalas e ângulos, o que enriqueceu o repertório visual e preparou os alunos para a observação mais qualificada durante a visita de campo.

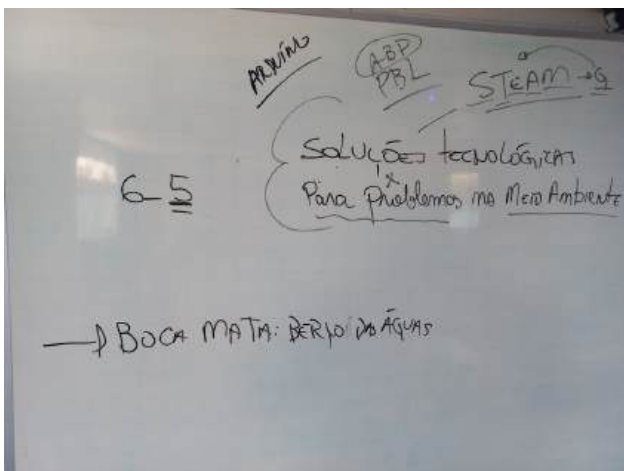
Habilidades da BNCC associadas:

- (EF06GE01) Identificar os elementos naturais e sociais que compõem a paisagem.
- (EF06GE07) Analisar as transformações provocadas pelas ações humanas nas paisagens.



Tempestade de ideias construída coletivamente com os estudantes sobre o Parque Boca da Mata.

Fonte: Acervo próprio, 2022.



Tempestade de ideias construída coletivamente com os estudantes sobre o Parque Boca da Mata.

Fonte: Acervo próprio, 2023



Palestra com sobre importância do Parque Boca da Mata/2022 - Acervo próprio, 2022.

Etapa 2 – Planejamento da Saída de Campo:

A segunda etapa foi dedicada à preparação da atividade de campo. Em sala de aula, os alunos, organizados em grupos, participaram da construção coletiva do roteiro de observação, definindo os aspectos a serem analisados no Parque Boca da Mata: vegetação, relevo, indícios de degradação, formas de uso e preservação do espaço.

O professor apresentou os instrumentos de registro (fichas de observação, quadros de anotações, celulares para fotos e vídeos) e orientou quanto às regras de conduta, segurança e ética ambiental. Também foram compartilhadas informações sobre a logística da visita, parcerias envolvidas (IFB e Coletivo Boca da Mata) e o processo de autorização pelos responsáveis.

Habilidades da BNCC associadas:

- (EF06GE05) Utilizar diferentes fontes e linguagens (textos, imagens, mapas, gráficos etc.) para adquirir informações geográficas.
- (EF06GE09) Elaborar representações gráficas e descritivas de elementos observados no espaço.



Formação sobre os aspectos geográficos e fitogeográficos com os alunos do curso Técnico em Controle Ambiental do Parque Boca da Mata/2022 - Acervo próprio, 2022.



Formação sobre os aspectos geográficos e fitogeográficos com os alunos do curso Técnico em Controle Ambiental do Parque Boca da Mata/2022 - Acervo próprio, 2022.



Orientação aos estudantes acerca da visita no Parque Boca da Mata/2022 - Acervo próprio, 2022.

Etapa 3 – Visita ao Parque Distrital Boca da Mata:

A terceira etapa correspondeu à realização da saída de campo, momento de aplicação prática dos conhecimentos. A visita foi acompanhada por professores, monitores e parceiros do Coletivo Boca da Mata e do Instituto Federal de Brasília (IFB). Os estudantes percorreram trilhas previamente definidas e registraram suas observações com fotos, vídeos e anotações.

Durante a atividade, os alunos foram incentivados a identificar características do Cerrado, indícios de impactos ambientais (como lixo, queimadas e erosões), além de elementos de conservação presentes no parque. A experiência teve como objetivo integrar teoria e prática, ampliando a compreensão do território e da importância da preservação ambiental.

Habilidades da BNCC associadas:

- (EF06GE08) Reconhecer diferentes formas de uso e ocupação do solo e suas implicações ambientais e sociais.
- (EF06GE11) Propor ações que possam contribuir para a melhoria das condições socioambientais do lugar em que vive.



Fonte: Acervo próprio, 2022.



Fonte: Acervo próprio, 2022.



Fonte: Acervo próprio, 2022.



Fonte: Acervo próprio, 2022.



Fonte: Acervo próprio, 2023.



Fonte: Acervo próprio, 2023.



Fonte: Acervo próprio, 2022.

Etapa 4 – Sistematização da Experiência:

Após o retorno da saída de campo, os estudantes organizaram os dados coletados e sistematizaram suas percepções. Cada grupo criou painéis e mapas mentais com base nos registros feitos, destacando os principais problemas ambientais observados e propondo ações de enfrentamento.

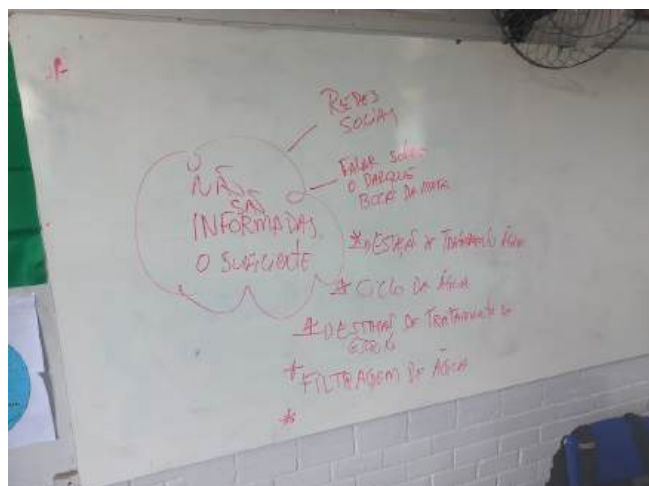
A aula incluiu uma atividade de “tempestade de ideias” para levantar coletivamente as percepções dos grupos, promover a troca de experiências e construir hipóteses explicativas. O momento favoreceu a consolidação dos aprendizados e o desenvolvimento da consciência crítica sobre o território vivenciado.

Habilidades da BNCC associadas:

- (EF06GE04) Analisar criticamente as informações veiculadas pela mídia e por outras fontes, considerando os diferentes pontos de vista.
- (EF06GE10) Elaborar propostas e representar graficamente informações obtidas em pesquisas e observações realizadas em campo.



Fonte: Acervo próprio, 2023.



Fonte: Acervo próprio, 2022

Etapa 5 – Apresentação dos Projetos e Intervenção na Realidade

A socialização dos resultados para a comunidade da experiência vivida pelos estudantes em ambos os anos, 2022 e 2023, foi realizada através da culminância do projeto na Feira de Ciências da escola, onde os estudantes participaram apresentando seus trabalhos resultantes da vivência pedagógica. Cada grupo apresentou os produtos elaborados com base na experiência de campo e nas reflexões realizadas através de atividade gamificada (minecraft), banners, maquetes, propostas de campanhas educativas e entre outras propostas de socialização da experiência.

Essa etapa teve como foco a socialização do conhecimento construído e a intervenção simbólica na realidade escolar, promovendo a conscientização ambiental junto à comunidade. Os estudantes assumiram o protagonismo, exercitando a autonomia, o pensamento crítico, a comunicação e a cooperação.

Habilidades da BNCC associadas:

- (EF06GE03) Comparar diferentes representações cartográficas e discutir seus usos e limitações.
- (EF06GE10) Elaborar propostas e representar graficamente informações obtidas em pesquisas e observações realizadas em campo.

- (EF06GE11) Propor ações que possam contribuir para a melhoria das condições socioambientais do lugar em que vive.



Fonte: Acervo próprio, 2023



Fonte: Acervo próprio, 2023.



Fonte: Acervo próprio, 2023.

5. CONTRIBUIÇÕES EM SALA DE AULA

Para Fernandes (2011), o ensino de Geografia deve utilizar diferentes estratégias didáticas para favorecer o desenvolvimento da habilidade dos estudantes em compreender a realidade a partir da dimensão espacial. Do mesmo modo, considera que um dos principais desafios consiste em estimular nesses alunos uma postura crítica que lhes permita construir suas próprias interpretações sobre o mundo.

A aplicação da metodologia do Estudo do Meio em atividades didáticas, com os alunos do CEF 05 de Taguatinga no Parque Boca da Mata/Distrito Federal, demonstrou relevante potencial para promover uma aprendizagem significativa no ensino de Geografia. Essa abordagem possibilitou aos estudantes o contato direto com a realidade, favorecendo a observação, a problematização e a construção ativa do conhecimento a partir de situações concretas do território em que vivem, em consonância com o que Fernandes (2011) considera importante sobre o uso da metodologia:

O estudo do meio é uma proposta metodológica na qual os alunos são colocados em contato direto com uma determinada realidade. As diretrizes curriculares brasileiras apresentam essa metodologia como uma possibilidade de propiciar aos alunos uma formação mais abrangente e que os aproximem de procedimentos científicos, ainda na fase da escolarização básica, ampliando a possibilidade de construção coletiva de conhecimento e distanciando-se de práticas mnemônicas e menos reflexivas. Fernandes (2011, pág 04)

Ao aproximar o conteúdo escolar das experiências cotidianas, a proposta contribuiu para uma maior compreensão do espaço geográfico e das dinâmicas socioambientais que o constituem.

A experiência pedagógica relatada nesse trabalho, demonstrou o potencial transformador do uso do estudo do meio como metodologia no ensino de Geografia. A proposta incluiu atividades práticas relacionadas ao Parque Distrital Boca da Mata, articulando o conteúdo curricular com a vivência concreta do território. O trabalho oportunizou aos alunos a análise crítica do espaço e o desenvolvimento de uma nova percepção sobre o ambiente, por meio de visitas orientadas, registro de observações e discussão de problemáticas ambientais reais.

A comparação entre as respostas dos alunos antes e depois da atividade revelou mudanças

Aqui o resultado após a realização do trabalho com os alunos.



<u>Palavra</u>	<u>Frequência</u>
parque	28
<u>córrego</u>	17
mata	16
lixo	13
<u>murundus</u>	13

Fonte: Fonseca. (2022, Pág 25)

Outro aspecto relevante foi o fortalecimento da autonomia investigativa dos estudantes, que participaram de forma ativa na formulação de hipóteses, na observação em campo e na proposição de intervenções para os problemas identificados. O trabalho coletivo, promovido em etapas como a tempestade de ideias e a organização para a Feira de Ciências, contribuiu para o desenvolvimento de habilidades sociais e investigativas. Essa atuação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, aliada à contextualização territorial, reafirma o valor do estudo do meio como prática pedagógica significativa e integradora. Abaixo o resultado do trabalho experimentado no ano seguinte utilizando a mesma metodologia.



Fonte: Acervo próprio, 2023.

A vivência proporcionada pela metodologia do estudo do meio, aplicada ao contexto da Educação Ambiental, possibilitou uma aprendizagem com sentido, enraizada no cotidiano dos alunos e conectada ao território em que vivem. Conforme observado por Fonseca (2022, p. 25), “a nova percepção dos estudantes sobre o Parque Boca da Mata comprovou as hipóteses iniciais do estudo, revelando que o contato direto com o ambiente promoveu uma ressignificação das ideias previamente formadas”. A experiência demonstrou que levar o ensino para além da sala de aula contribui não apenas para a aprendizagem dos conteúdos, mas também para a formação cidadã e crítica dos estudantes.

Nesse sentido, ao ser inserido como parte de uma sequência didática, o Estudo do Meio favoreceu o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura crítica da realidade, ao pensamento geográfico e à construção da cidadania. Como podemos perceber, essa metodologia estimula a mobilização de múltiplas linguagens e saberes, promovendo a integração entre teoria e prática e a valorização do protagonismo discente. A observação direta dos elementos naturais e sociais, aliada à sistematização das informações coletadas, amplia a capacidade dos estudantes de interpretar os processos espaciais e as relações entre sociedade e natureza.

Além dos ganhos pedagógicos, a utilização do Estudo do Meio repercutiu positivamente na comunidade escolar. As saídas de campo estimulam o envolvimento de diferentes atores – gestores, professores, famílias e instituições parceiras – criando oportunidades de articulação entre escola e território. Em experiências como a descrita por Fonseca (2022), a realização de atividades no Parque Distrital Boca da Mata possibilitou aos alunos compreenderem a importância da conservação ambiental e refletir sobre os impactos antrópicos em áreas naturais. A sistematização dos aprendizados e a proposição de intervenções no espaço comunitário fortaleceram o sentimento de pertencimento e responsabilidade socioambiental.

Resultados empíricos oriundos de práticas anteriores em minha dinâmica de sala de aula, utilizando um dos objetivos dessa proposta metodológica, que é a sequência didática, seguindo os passos metodológicos informados, indicaram que o uso do Estudo do Meio contribuiu significativamente para desenvolver o olhar crítico dos alunos sobre o espaço vivido. Os registros demonstraram um envolvimento crescente dos estudantes durante a

preparação, execução e análise da atividade, com destaque para a apropriação dos conteúdos de Geografia de forma contextualizada. Observou-se, por exemplo, uma melhora substancial na capacidade de identificar problemas socioambientais locais e propor soluções viáveis, articulando conhecimentos escolares à realidade concreta do entorno escolar. A produção de cartazes, vídeos e maquetes, associada a rodas de conversa e apresentações públicas, reforçou o protagonismo juvenil e mobilizou a comunidade escolar em torno de questões ambientais e territoriais. Houve, ainda, uma ressignificação do espaço escolar como espaço de escuta e participação ativa dos alunos no enfrentamento de questões coletivas, contribuindo para a formação ética e cidadã dos sujeitos envolvidos .

Dessa forma, a incorporação do Estudo do Meio como prática pedagógica no ensino de Geografia contribuiu não apenas para qualificar o processo de ensino-aprendizagem, mas também para ampliar o papel da escola como espaço de formação crítica, ética e participativa. Ao articular o conhecimento geográfico à vivência local dos estudantes, essa metodologia ressignificou o território como campo de investigação, construção de sentidos e ação transformadora.

Além disso, estudos como o de Monteiro e Santos (2015) reforçam que o Estudo do Meio, quando aplicado de forma planejada, favorece o desenvolvimento de competências investigativas, analíticas e reflexivas tanto nos estudantes quanto nos professores em formação. Em suas análises sobre aulas de campo na formação de professores de Geografia, os autores destacam que essa metodologia contribui para articular teoria e prática, superar a fragmentação dos conteúdos escolares e promover o protagonismo discente na construção do conhecimento. A vivência concreta dos fenômenos espaciais em contextos reais permite ampliar a percepção crítica sobre o território e suas dinâmicas, qualificando o processo educativo. Tal abordagem estimula a observação atenta, a escuta ativa e o diálogo com o espaço vivido, aspectos que se alinham aos pressupostos do ensino geográfico significativo. Ao reconhecer os territórios como espaços vivos, dinâmicos e múltiplos, a aula de campo ressignifica a prática docente e amplia as possibilidades de intervenção pedagógica transformadora. Assim, a metodologia do Estudo do Meio fortalece não apenas o vínculo entre escola e território, mas também a constituição de sujeitos capazes de compreender e agir sobre a realidade à sua volta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta apresentada neste trabalho constitui uma possibilidade metodológica para o ensino de Geografia, fundamentada na perspectiva do Estudo do Meio como recurso didático capaz de articular teoria e prática em contextos escolares. A partir da sequência didática voltada a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, buscou-se demonstrar como a aula de campo em uma unidade de conservação urbana, como o Parque Distrital Boca da Mata, pode favorecer uma aprendizagem significativa e engajada com a realidade local.

O uso dessa metodologia se alinha a uma concepção crítica da Geografia escolar, que entende o espaço como produto das relações sociais e como campo de atuação e transformação. Ao propor o contato direto com o território, o Estudo do Meio possibilita ao aluno compreender, de forma concreta, as dinâmicas ambientais e sociais que constituem sua realidade, permitindo a construção de conhecimentos a partir da experiência vivida (PONTUSCHKA et al., 2009; CAVALCANTI, 2002).

A experiência no Parque Distrital Boca da Mata trouxe elementos adicionais que merecem destaque no fechamento deste trabalho. Lidar com a diversidade de estudantes fora do ambiente escolar tradicional revelou tanto desafios quanto potencialidades. Se por um lado surgiram situações típicas da adolescência, como dispersão ou conversas paralelas, por outro observou-se maior autonomia, protagonismo e envolvimento com os conteúdos. O ambiente aberto favorece uma relação menos vertical entre professor e alunos, criando condições para que o espaço geográfico se torne, de fato, uma sala de aula viva e significativa.

Outro aspecto relevante foi a inclusão de uma estudante com síndrome de Down, que contou com acompanhamento de um monitor escolar durante a atividade. Essa situação pode ser vista como uma desafio, dada aos desafios que a atual política de educação inclusiva se encontra, e sua participação mostrou-se enriquecedora, evidenciando que o Estudo do Meio, por seu caráter flexível e interativo, pode atender a diferentes perfis de aprendizes, ampliando as possibilidades de inclusão no ensino de Geografia.

Do ponto de vista organizacional, a realização da atividade não enfrentou burocracia junto à gestão escolar, uma vez que foi planejada em conjunto com a coordenação pedagógica e

contou com a participação de professores de outras disciplinas, como Ciências Naturais. Isso reforça o caráter interdisciplinar do Estudo do Meio e indica que, quando há planejamento coletivo, a saída de campo pode ser realizada de forma fluida e colaborativa.

Entre as formas de registro da experiência, além do tradicional caderno de campo, sua construção é etapa importante no percurso da metodologia, destacou-se o uso de celulares pelos próprios estudantes. Esse recurso, frequentemente associado a distrações no contexto escolar, foi ressignificado como ferramenta pedagógica, possibilitando registros fotográficos e reflexões instantâneas que enriqueceram o processo de aprendizagem.

Por fim, é importante mencionar que, embora relevante e interdisciplinar, a experiência desenvolvida não se configurou como um projeto institucional formalizado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Tratou-se de uma iniciativa restrita à disciplina de Geografia, em articulação com áreas correlatas. Ainda assim, atividades dessa natureza dialogam diretamente com os princípios do PPP e do Currículo em Movimento do Distrito Federal, podendo servir de inspiração para a consolidação de práticas pedagógicas que valorizem o território como espaço educativo.

Além disso, ao articular os princípios da Educação Ambiental crítica e as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), experiência aqui relatada, e a sequência didática elaborada ao fim desse percurso, contempla habilidades fundamentais como a observação e análise de paisagens, a leitura de diferentes fontes geográficas, a reflexão sobre impactos socioambientais e a proposição de ações voltadas à preservação do meio ambiente. Trata-se, portanto, de um encaminhamento pedagógico que busca contribuir para a formação de sujeitos conscientes, reflexivos e comprometidos com a sustentabilidade e com a transformação do espaço vivido.

Esta proposta se mostra viável, podendo ser adaptada a diferentes contextos escolares e territórios. Representa uma alternativa concreta às práticas tradicionais de ensino, centradas na exposição e na memorização, ao oferecer uma abordagem mais interativa, investigativa e situada. Reforça-se a importância de experiências educativas que valorizem o protagonismo discente, o vínculo com o território e o desenvolvimento de uma consciência espacial crítica, elementos essenciais para um ensino de Geografia comprometido com a formação cidadã.

Por fim, ainda que este trabalho não tenha se dedicado a comprovar empiricamente a eficácia da metodologia por meio de novos instrumentos de coleta e análise, há respaldo consistente na literatura que aponta o Estudo do Meio como recurso capaz de promover aprendizagens significativas e contextualizadas (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009; FERNANDES, 2011). Nesse sentido, a principal contribuição desta pesquisa foi estruturar um material didático que organiza e disponibiliza a metodologia de forma acessível a outros docentes, deixando em aberto possibilidades de avaliação mais aprofundada em investigações futuras.

7. FONTES DE PESQUISA

ABREU, S. M. de. **Sequência didática e aula de campo: proposta de ensino para a educação básica.** In: SILVANO, S. G. (org.). Ensino de Geografia e práticas pedagógicas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2022. p. 157–172.

ALBUQUERQUE, E. S. **Aula de campo: aspectos metodológicos e reflexões sobre sua utilização no ensino de Geografia.** In: SILVANO, S. G. (org.). Ensino de Geografia e práticas pedagógicas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais.** In: Sato, M. & Carvalho, I. C. M. (orgs) Educação Ambiental; pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. 16 p.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papirus, 2008. 192 p.

CORRÊA FILHO, F. **A construção do conhecimento geográfico por meio de saídas de campo.** In: SILVANO, S. G. (org.). Ensino de Geografia e práticas pedagógicas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2022. p. 173–192.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político-Pedagógico 2023.** Brasília, DF: SEEDF, 2023. Disponível em: <<https://www.educacao.df.gov.br/projeto-politico-pedagogico-2023/>>. Acesso em: 17 jul. 2025.

DUARTE, R. P. et al. **Ensino de Geografia e Educação Ambiental Crítica: aportes para a (re)construção do conceito de natureza em sala de aula.** Revista Educação Pública, v. 22, n. 7, 2022.

DUBEUX, M. L. F.; SOUZA, L. M. A. **A sequência didática como estratégia de ensino e aprendizagem em Geografia: a experiência com temas socioambientais.** In: SILVANO, S. G. (org.). Ensino de Geografia e práticas pedagógicas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2022. p. 133–156.

FERNANDES, Maria Lídia Bueno. **Estudo do meio e o ensino de Geografia.** Revista Geográfica da América Central, Número Especial EGAL, Costa Rica, II sem. 2011, p. 1–19.

FONSECA, L. M. **A contribuição da aprendizagem baseada em projetos para o ensino de Geografia na primeira etapa dos anos finais: a ABP na Educação Ambiental**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interdisciplinaridade em Metodologias Ativas) – Universidade do Distrito Federal (UnDF), Brasília, 2022.

GONDIM, M. L.; FRANÇA, A. M. da S. **Percepção e Educação Ambiental do Parque Distrital Boca da Mata**. Revista Brasileira de Educação Ambiental, v. 8, n. 7, p. 94–107, 2023.

LAMBERT, L. **O estudo do meio na educação ambiental formal: contribuições da teoria crítica da Geografia**. Revista Educação Ambiental em Ação, v. 14, n. 52, 2015.

LIMA JUNIOR, G. S. **O estudo do meio como ferramenta de análise dos problemas ambientais urbanos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014

LOPES, C. S., & PONTUSCHKA, N. N. (2009). **Estudo do meio: teoria e prática**. *Geografia (Londrina)*, 18(2), 173–191. <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2009v18n2p173>

LOPES, Maria Rita de Castro. **Estudo do meio: um método ativo e interdisciplinar de aprendizagem**. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 5., 2016. ISBN 978-85-85369-14-9. <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/ereg/article/view/3628>
850-857 acessado em 16 de Julho de 2025

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, M. R.; SANTOS, V. R. **A aula de campo na formação de professores de Geografia: considerações teóricas e metodológicas**. Revista Educação Pública, v. 15, n. 2, 2015. Disponível em:
<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/2/a-aula-de-campo-na-formacao-de-professores-de-geografia-consideracoes-teoricas-e-metodologicas>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

NASCIMENTO, L. I. **Estudo do meio e a construção do conceito de território no Ensino Médio**. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

OLIVEIRA, M. C. de. **Sequência didática e ensino de Geografia: possibilidades para um ensino crítico e contextualizado**. Revista Geografia em Questão, v. 6, n. 2, p. 105–120, 2013.

PELIZZARI, Adriana e outros. **Teoria Da Aprendizagem Significativa Segundo Ausubel**. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.39-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf> . Acesso em: 13 de Agosto de 2025.

PONTUSCHKA, N N; BITTENCOURT, C M F; NADAI, E; KULCSAR, R. **O “Estudo Do Meio” Como Trabalho Integrador Das Práticas De Ensino**. Boletim Paulista de Geografia, [S. l.], n. 70, p. 45–52, 2017. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/927>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 173–181.

RADTKE, D. T. **Estudo do meio, pedagogia libertária e geografia anarquista**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RAMOS, Ana Paula Borges. **O estudo do meio nos anos iniciais do ensino fundamental como possibilidade de entrelaçar a Geografia e a Educação Ambiental**. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2017.

SANTOS, F. R. **Da teoria à prática: a BNCC de Geografia aplicada ao Estudo do Meio**. Revista Brasileira de Ensino de Geografia, v. 4, n. 1, 2023.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (SEEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Fundamental – Anos Finais**. Brasília: SEEDF, 2014.

SILVA, H. M. **A Geografia aplicada à temática ambiental no Ensino Fundamental II**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, M. A.; ANDRADE, M. S. A. **Geografia aplicada à temática ambiental no ensino fundamental II**. Revista de Educação Ambiental, v. 15, n. 2, 2019.

SILVA, Marcos Jonatas Damasceno da. **O desinteresse dos alunos nas aulas de geografia: estudo de caso de uma escola privada em Belém – PA**. InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 1, n. 3, p. 317–330, 8 Mar 2016 Disponível em:

<<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/4451>>. Acesso em: 27 jul 2025.

SOUZA, T. R.; CLEMENTE, E. C. **O uso da sequência didática no ensino de geografia para a formação dos sujeitos do campo**. Geografia Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 27, e71302, p. 1–31, 2023.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa : como ensinar**. Porto Alegre: Penso, 2014. p.224

8. APÊNDICES

8.1. Plano de Aulas da Sequência Didática

Plano de Aula 1	
Tema:	Apresentação da proposta e introdução ao Estudo do Meio
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	1 aula (45 minutos)
Objetivos:	Introduzir a proposta de trabalho e sensibilizar os estudantes para a importância do estudo do meio como ferramenta para o ensino de Geografia. Relacionar a proposta ao cotidiano dos alunos e ao ambiente da escola.
Objetivos da BNCC:	(EF06GE01) Identificar os elementos naturais e sociais que compõem a paisagem. (EF06GE07) Analisar as transformações provocadas pelas ações humanas nas paisagens.
Problematização:	Como o estudo do meio no parque ambiental Boca da Mata (Levar em consideração a escolha do local que realizará a atividade), do local escolhido previamente pode ajudar os alunos a compreender os impactos das atividades humanas no Cerrado?

	<p>Quais práticas sustentáveis podem ser adotadas para preservar o bioma Cerrado?</p> <p>Como o lugar onde vivemos pode nos ensinar sobre Geografia, natureza e sociedade?</p>
<p>Estrutura da aula:</p>	<p><i>Introdução:</i> Apresentação geral da proposta da sequência didática, com explanação sobre o que é o Estudo do Meio.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Aula explanativa com os estudantes sobre suas vivências em ambientes naturais e urbanos. Exibição de imagens do Parque Boca da Mata (Como já informado anteriormente, deverá apresentar o local a ser estudado pelos alunos).</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Data show, computador, imagens do parque.</p> <p><i>Avaliação:</i> Participação na discussão, produção de cartaz coletivo com ideias iniciais sobre o parque e com uso de tempestades de ideias</p>

Plano de Aula 2	
Tema:	Localização e representação cartográfica do território a ser estudado.
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	2 aula (90 minutos)
Objetivos:	Trabalhar com noções de localização, orientação e representação do espaço.
Objetivos do Currículo em Movimento do DF	- Utilizar a cartografia identificando suas técnicas de representação, localização e de orientação.
Objetivos da BNCC:	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
Problematização:	Onde está localizado o parque e como podemos representá-lo no mapa?

Estrutura da aula:	<p><i>Introdução:</i> Apresentação de mapas e imagens de satélite da região.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Atividade com mapas mudos para localizar e colorir o parque e elementos do entorno. Discussão sobre escalas e legendas.</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Mapas mudos, atlas escolar, papel vegetal, canetinhas.</p> <p><i>Avaliação:</i> Entrega dos mapas preenchidos e participação na atividade.</p>
---------------------------	--

Plano de Aula 3	
Tema:	Características ambientais e históricas do território estudado
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	2 aula (90 minutos)
Objetivos:	<p>Compreender aspectos físico-naturais e históricos do parque. No caso da experiência desse trabalho, identificar elementos característicos do bioma Cerrado e sua importância socioambiental. Visitar o Laboratório de Informática da Escolar para utilizar a Plataforma Google Maps no endereço abaixo. https://maps.app.goo.gl/JsjT844tXUCfR1rc7</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a noção espacial e a representação cartográfica. - Comparar diferentes tipos de representação da superfície terrestre: mapas, fotos de satélite e imagens aéreas e tridimensionais.
Objetivos da BNCC:	<p>(EF07GE11) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).</p> <p>(EF07GE12) Comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação</p>

	(SNUC).
Problematização:	Quais são as características naturais do parque e por que ele foi criado?
Estrutura da aula:	<p><i>Introdução:</i> Contextualização sobre o bioma Cerrado e apresentação da história de criação do parque.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Através de apresentação, explicar sobre aspectos fitogeográficos, fauna, flora e do relevo, como os campos de murundus presente no Parque. Apresentação do vídeo de sobrevoos do Parque no endereço abaixo:</p> <p>Drone sobrevoa o Parque Boca da Mata https://www.youtube.com/watch?v=quUZGpRRmEg&t=544s&ab_channel=Wagnerdco</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Data show, caixa de som e apresentação com informações sobre o parque, caderno de anotações.</p> <p><i>Avaliação:</i> Registro reflexivo sobre a importância da preservação do Cerrado.</p>

Plano de Aula 4	
Tema:	Construção do roteiro e do caderno de campos para observação
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	1 aula (45 minutos)
Objetivos:	Desenvolver instrumentos de observação e investigação para a atividade de campo. Fomentar o protagonismo dos estudantes na elaboração do roteiro da visita.
Objetivos da BNCC:	<p>(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p> <p>(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.</p> <p>(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.</p> <p>(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos</p>

	<p>hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.</p> <p>(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.</p> <p>(EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.</p> <p>(EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).</p>
<p>Problematização:</p>	<p>O que devemos observar durante a visita ao local para entender o espaço geográfico?</p>
<p>Estrutura da aula:</p>	<p><i>Introdução:</i> Recuperação das aulas anteriores, destacando os aspectos relevantes a serem observados.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Atividade em grupo para elaboração de fichas de observação com questões orientadoras e montagem do roteiro de visita.</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Papel pardo, canetas coloridas, modelos de fichas, caderno.</p> <p><i>Avaliação:</i> Avaliação da ficha elaborada pelos grupos e participação na atividade colaborativa.</p>

Plano de Aula 5	
Tema:	Realização da Atividade de Campo
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	1 aula (tempo integral de visita, aproximadamente 3 horas)
Objetivos:	Realizar a observação direta do ambiente natural, aplicar os conhecimentos construídos em sala, registrar elementos do espaço geográfico, identificar problemas socioambientais.
Objetivos da BNCC:	<p>(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.</p> <p>(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.</p> <p>(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.</p> <p>(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza,</p>

	<p>com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.</p> <p>(EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.</p> <p>- Relacionar as características ambientais do Parque, como as nascentes do Rio Melchior.</p>																		
Problematização:	O que o parque pode nos ensinar sobre a relação entre natureza e sociedade?																		
Estrutura da aula:	<p><i>Introdução:</i> Releitura dos roteiros e fichas de observação no início da visita.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Realização da visita com paradas estratégicas em pontos previamente definidos: nascente, mata ciliar, campos de murundus, trilhas e pontos de degradação ambiental.</p> <p>Exemplo de Roteiro de Observação (para os alunos)</p> <table border="1" data-bbox="531 1182 1449 1753"> <thead> <tr> <th data-bbox="531 1182 863 1274">Item observado</th> <th data-bbox="863 1182 1166 1274">Descrição/Registro</th> <th data-bbox="1166 1182 1449 1274">Foto (se possível)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="531 1274 863 1370">Vegetação típica</td> <td data-bbox="863 1274 1166 1370"></td> <td data-bbox="1166 1274 1449 1370"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="531 1370 863 1467">Características do solo</td> <td data-bbox="863 1370 1166 1467"></td> <td data-bbox="1166 1370 1449 1467"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="531 1467 863 1563">Recursos hídricos</td> <td data-bbox="863 1467 1166 1563"></td> <td data-bbox="1166 1467 1449 1563"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="531 1563 863 1659">Impactos ambientais</td> <td data-bbox="863 1563 1166 1659"></td> <td data-bbox="1166 1563 1449 1659"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="531 1659 863 1753">Fauna/Flora observada</td> <td data-bbox="863 1659 1166 1753"></td> <td data-bbox="1166 1659 1449 1753"></td> </tr> </tbody> </table> <p><i>Recursos necessários:</i> Fichas de observação, mapas do parque, cadernos, materiais de anotação, câmeras ou celulares. O Professor deverá</p>	Item observado	Descrição/Registro	Foto (se possível)	Vegetação típica			Características do solo			Recursos hídricos			Impactos ambientais			Fauna/Flora observada		
Item observado	Descrição/Registro	Foto (se possível)																	
Vegetação típica																			
Características do solo																			
Recursos hídricos																			
Impactos ambientais																			
Fauna/Flora observada																			

	<p>conjuntamente com a Direção/ coordenação, organizar previamente as fichas de autorizações de saída com as famílias.</p> <p><i>Avaliação:</i> Registro das observações em fichas e análise posterior em sala.</p>
--	---

Plano de Aula 6	
Tema:	Sistematização das observações e levantamento de problemas
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	2 aula (90 minutos)
Objetivos:	Analisar as informações levantadas durante a visita e identificar problemas socioambientais observados no parque.
Objetivos da BNCC:	(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários. (EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.
Problematização:	Quais foram os principais problemas identificados durante a visita e como podemos representá-los?

Estrutura da aula:	<p><i>Introdução:</i> Leitura coletiva dos registros feitos durante a visita.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Sistematização dos dados em cartazes temáticos e discussão em grupos sobre causas e conseqüências dos problemas.</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Cartolinas, canetões, fichas de observação, imagens do parque.</p> <p><i>Avaliação:</i> Participação e qualidade das representações dos problemas.</p>

Plano de Aula 7	
Tema:	Propostas de intervenção socioambiental
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	1 aula (45 minutos)
Objetivos:	Estimular o pensamento crítico e propor soluções viáveis para os problemas observados no local.
Objetivos da BNCC:	<p>(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p> <p>(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.</p> <p>(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.</p> <p>(EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.</p>

	(EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).
Problematização:	O que podemos fazer, como escola, para contribuir com a preservação do local investigado ?
Estrutura da aula:	<p><i>Introdução:</i> Apresentação de exemplos de intervenções socioambientais.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Trabalho em grupos para elaboração de propostas de intervenção (campanhas, projetos, parcerias, etc.).</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Papel kraft, tesoura, revistas para recorte, cola, cartolina.</p> <p><i>Avaliação:</i> Clareza, viabilidade e pertinência das propostas apresentadas pelos grupos.</p>

Plano de Aula 8

Tema:	Apresentação das propostas para a comunidade escolar
Série:	6º ano do Ensino Fundamental
Duração:	1 aula (50 minutos)
Objetivos:	Promover o protagonismo estudantil e compartilhar os aprendizados com a comunidade escolar.
Objetivos da BNCC:	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
Problematização:	Como mobilizar a comunidade escolar para a valorização e preservação do local estudado?

Estrutura da aula:	<p><i>Introdução:</i> Organização dos grupos e dos materiais produzidos.</p> <p><i>Desenvolvimento:</i> Exposição de cartazes, maquetes, slides e outras produções para as demais turmas e convidados.</p> <p><i>Recursos necessários:</i> Espaço expositivo, cartazes, recursos multimídia, exposição de maquete, etc.</p> <p><i>Avaliação:</i> Participação, envolvimento e capacidade de comunicação com o público</p>
---------------------------	---

9. ANEXOS

Sequência Didática: O Estudo do Meio no Ensino de Geografia - Uma Proposta de Sequência Didática a partir da Experiência no Parque Distrital Boca da Mata/DF



Sequência Didática: O Estudo do Meio no Ensino de Geografia - Uma Proposta de Sequência Didática a partir da Experiência no Parque Distrital Boca da Mata/DF



Lelton Melo da Fonseca

2025

FICHA TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Título:

Sequência didática: o Estudo do Meio no Parque Distrital Boca da Mata com alunos do 6º ano do CEF 05 de Taguatinga – DF

Autor:

Lelton Melo da Fonseca

Orientadora:

Prof. Dra Andreia Maria da Silva França

Público-alvo:

Professores de Geografia e demais professores do Ensino Fundamental – Anos Finais

Vínculo do Produto Educacional:

Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado Profissional – O Estudo do Meio no ensino de Geografia: uma proposta de sequência didática a partir da experiência no Parque Distrital Boca da Mata com turmas do 6º ano do CEF 05 de Taguatinga (2023–2024)

Programa de Ensino:

Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO)

Instituição Associada:

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB / Campus Riacho Fundo

Linha de Pesquisa:

Práticas de ensino e aprendizagens em Geografia

Localidade:

Centro de Ensino Fundamental 05 de Taguatinga – Taguatinga/DF

Palavras-chave:

Estudo do Meio; Geografia escolar; Sequência didática; Ensino fundamental.

SUMÁRIO

- 1** APRESENTAÇÃO
- 2** OBJETIVOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
- 3** FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS
- 4** PLANOS DE AULA
- 5** CADERNO DE CAMPO
- 6** CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 7** REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO

Este material nasce da experiência de chão de sala como professor de Geografia na rede pública do Distrito Federal e das inquietações vividas em sala de aula, especialmente diante do desinteresse de muitos alunos pelos conteúdos geográficos. Essa realidade, marcada por desigualdades e pelo distanciamento entre escola e território, motivou a busca por estratégias pedagógicas que ressignificassem o ensino, aproximando-o do cotidiano dos estudantes. Uma experiência marcante, desenvolvida em 2022 e 2023 com turmas dos 6º e 7º anos no Parque Distrital Boca da Mata/DF, evidenciou o potencial transformador da aprendizagem fora da sala de aula tradicional.

A partir dessa vivência, este produto educacional, que integra o Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO), propõe uma sequência didática fundamentada na metodologia do Estudo do Meio, entendida como uma prática que articula teoria e prática por meio da observação direta da realidade (PONTUSCHKA et al., 2009). Essa abordagem favorece a análise crítica dos fenômenos naturais e sociais, estimula o pensamento reflexivo e aproxima os conteúdos escolares da experiência vivida pelos alunos. Ao organizar as atividades em etapas interligadas, a sequência busca promover uma aprendizagem significativa, contextualizada e cidadã, conforme defendem autores como CAVALCANTI (2008) e ZABALA (2014).

O objetivo deste material não é apenas apresentar uma proposta metodológica, mas compartilhar uma prática possível, testada em contexto real e aberta a adaptações. Trata-se de uma sequência didática flexível, pensada para que outros professores possam ajustá-la às especificidades de suas escolas, territórios e estudantes. Ao ser estruturada como um produto educacional, esta sequência pretende apoiar docentes na construção de aulas mais conectadas ao território, contribuindo para o fortalecimento de uma Geografia escolar crítica, investigativa e comprometida com a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir no mundo em que vivem.

OBJETIVOS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

🎯 Objetivo geral

Desenvolver uma sequência didática que utilize o Estudo do Meio como estratégia para o ensino de conteúdos de educação ambiental, promovendo a compreensão crítica e a apropriação do território vivido pelos estudantes.

🎯 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Planejar atividades didáticas que articulem conteúdos de Geografia à realidade ambiental e social do território escolar, promovendo o vínculo entre os estudantes e o espaço vivido.
- Estimular a observação crítica de elementos naturais e humanos por meio de atividades investigativas em espaços como o Parque Distrital Boca da Mata, ou em outros territórios que possam ser explorados pedagogicamente.
- Sistematizar uma proposta de Estudo do Meio que sirva de referência e possa ser adaptada por outros professores, contribuindo com práticas pedagógicas contextualizadas e voltadas à educação ambiental no ensino de Geografia.



FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

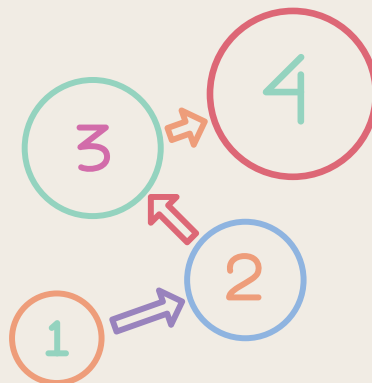
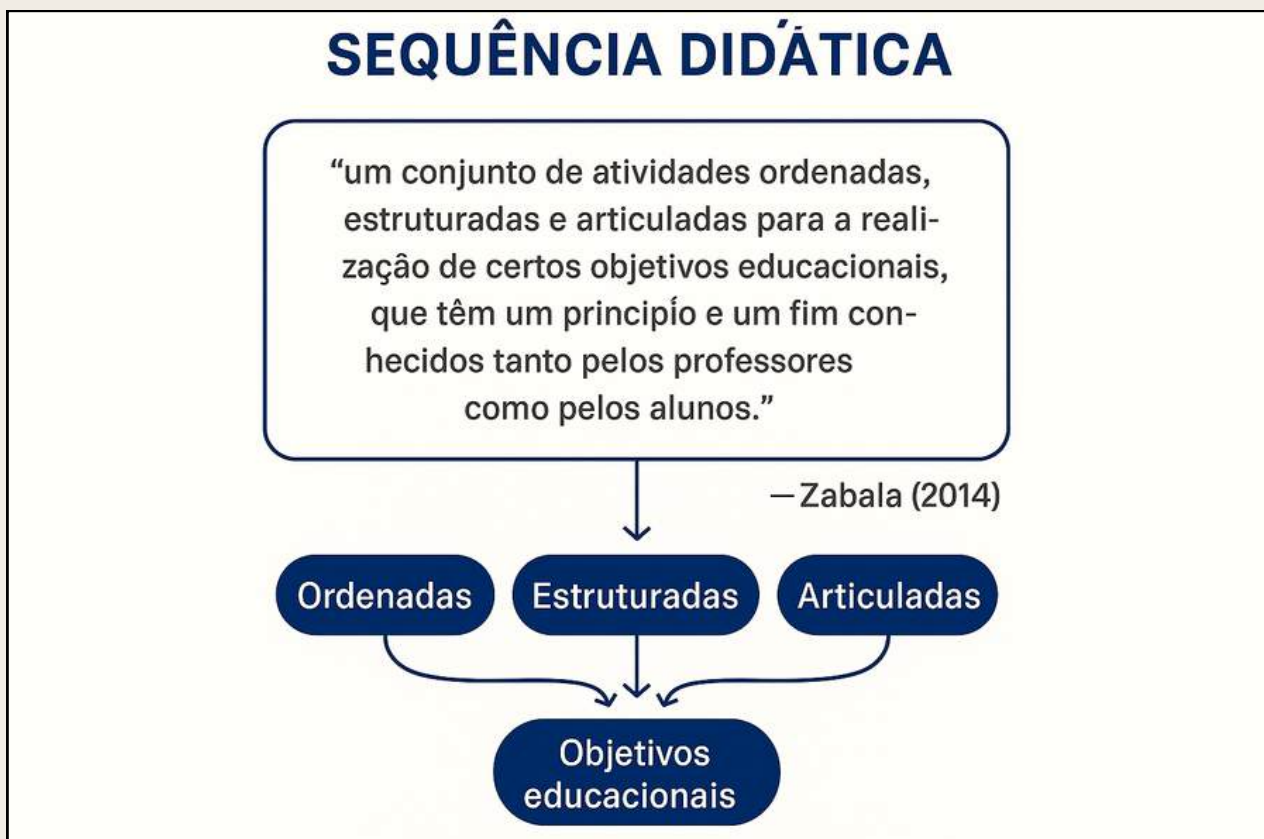
A sequência didática como organização da prática pedagógica

A sequência didática constitui-se como uma estratégia de organização do trabalho pedagógico voltada à promoção de aprendizagens significativas, por meio do encadeamento intencional de atividades que se articulam em torno de um objetivo comum. Conforme Zabala (2014), sequência didática é "um conjunto ordenado, sistemático e estruturado de atividades de aprendizagem com a finalidade de produzir a aprendizagem dos alunos". Essa estruturação permite ao professor planejar ações progressivas, respeitando o nível de desenvolvimento dos estudantes e oferecendo desafios que favoreçam a construção autônoma do conhecimento.

No contexto do ensino de Geografia, a sequência didática assume papel central ao possibilitar a articulação entre os conteúdos escolares e as vivências concretas dos alunos, contribuindo para a compreensão crítica do espaço geográfico. Segundo Cavalcanti (2008), ensinar Geografia exige considerar o espaço como totalidade construída historicamente pelas relações sociais, o que demanda práticas de ensino que integrem teoria e prática, experiência e reflexão. A organização sequencial das atividades, nesse sentido, favorece a apropriação ativa dos saberes escolares e a formação de sujeitos capazes de ler, interpretar e intervir no mundo em que vivem.

Para além de uma simples ordenação de aulas, a sequência didática deve estar vinculada a uma intencionalidade pedagógica clara, que oriente as etapas do processo de ensino-aprendizagem. Como afirmam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), o planejamento docente deve partir de uma leitura da realidade concreta dos estudantes, incorporando seus conhecimentos prévios, seus vínculos com o território e suas formas de ver o mundo. Assim, a sequência didática torna-se um instrumento potente para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, pois articula diferentes dimensões do conhecimento – conceitual, procedimental e atitudinal – em um processo coerente e significativo.

No presente Produto Educacional, a sequência didática é concebida como um instrumento de mediação entre a experiência vivida pelos alunos e os conteúdos da Geografia escolar, estruturada com base na metodologia do Estudo do Meio. Embora tenha sido elaborada a partir de uma experiência desenvolvida no Parque Distrital Boca da Mata/DF e com alunos do 6º ano do Centro de Ensino Fundamental 05 de Taguatinga, sua proposta é flexível e aberta a adaptações por outros professores em diferentes realidades. Ao sistematizar essa prática em um caderno didático, busca-se não apenas organizar a experiência pedagógica realizada, mas também contribuir com a formação docente e com a ampliação das possibilidades de uso da sequência didática no ensino de Geografia.



As etapas do Estudo do Meio

A metodologia do Estudo do Meio, adotada como base para a sequência didática apresentada neste Produto Educacional, organiza-se a partir de um conjunto de etapas que integram a prática pedagógica de maneira articulada e processual. Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), o Estudo do Meio constitui uma estratégia que permite aproximar os conteúdos escolares da realidade concreta dos alunos, por meio da observação direta, da problematização do espaço vivido e da sistematização do conhecimento. A seguir, apresentam-se as cinco etapas fundamentais da metodologia, conforme descritas pelas autoras:

1. O encontro dos sujeitos sociais

Trata-se da etapa inicial, na qual professores e alunos compartilham experiências, percepções e referências sobre o território em que vivem. “É o momento em que os sujeitos sociais – alunos e professores – trazem suas vivências, saberes e formas de pensar sobre o espaço” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 173). Essa escuta ativa e dialógica contribui para a construção coletiva do tema ou problema que será investigado ao longo da sequência, valorizando o conhecimento prévio dos estudantes e promovendo o envolvimento com a proposta.

2. Visita preliminar e opção pelo percurso

Antes da realização do trabalho de campo com os estudantes, a equipe docente realiza uma visita técnica ao local escolhido, com o objetivo de “reconhecer o espaço e planejar o percurso que melhor atenda aos objetivos pedagógicos propostos” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 174). Essa etapa é essencial para garantir a viabilidade da atividade, levantar possíveis obstáculos e organizar os pontos de parada e observação. A visita preliminar também possibilita a coleta de informações que subsidiarão a elaboração do caderno de campo.

3. O planejamento

Essa etapa refere-se à organização detalhada da saída, incluindo os objetivos da atividade, os conteúdos a serem abordados, os materiais necessários e os procedimentos logísticos. “Planejar significa pensar nas etapas, prever situações, articular com outras áreas e construir instrumentos de análise e registro” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 175). O planejamento deve considerar tanto os aspectos pedagógicos quanto os operacionais, como transporte, alimentação, autorização dos responsáveis e divisão de tarefas.

4. Elaboração do caderno de campo

O caderno de campo é descrito pelas autoras como “uma das ferramentas mais importantes do Estudo do Meio” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 176). Trata-se de um instrumento elaborado pelo professor, com atividades organizadas antes, durante e após a saída. Seu objetivo é orientar a observação dos estudantes, promover o registro sistemático das informações e estimular a análise crítica da realidade. O caderno pode conter mapas, roteiros, tabelas, desenhos, questionários e espaços para reflexões individuais e coletivas.

5. A pesquisa de campo reveladora da vida

A realização da saída constitui o momento culminante do Estudo do Meio, em que os alunos entram em contato direto com o espaço estudado. Para as autoras, “não se trata apenas de olhar o que está fora da escola, mas de revelar a vida que se expressa no território, nas relações sociais, na paisagem e nos sujeitos que o constroem” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 179). A observação e a escuta no campo devem ser sistematizadas e posteriormente retomadas em sala de aula, de forma a favorecer a construção do conhecimento geográfico com base na realidade vivida e problematizada.

Essas cinco etapas constituem a base metodológica da sequência didática proposta neste Produto Educacional, orientando tanto o planejamento quanto a prática do professor. Ao serem organizadas em um caderno didático, elas oferecem um caminho possível para que outros docentes possam desenvolver atividades de campo contextualizadas, valorizando o território como espaço de aprendizagem e de transformação. A seguir iniciaremos as etapas de aplicação da sequência em questão.



PLANOS DE AULA



ETAPA 1: O ENCONTRO DOS SUJEITOS SOCIAIS

PLANO DE AULA 1

Tema: Apresentação da proposta e introdução ao Estudo do Meio

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 1 aula (45 minutos)

Etapa: Sensibilização e escuta das experiências dos alunos

Objetivos da aula

- Introduzir a proposta do Estudo do Meio como metodologia ativa no ensino de Geografia.
- Sensibilizar os estudantes sobre a importância de observar e estudar o território vivido.
- Relacionar a proposta ao cotidiano dos alunos e ao ambiente da escola.

Habilidades da BNCC

- EF06GE01 – EF06GE07

Problematização

- Como o estudo do meio no Parque Boca da Mata pode nos ajudar a compreender os impactos das atividades humanas no Cerrado?
- Quais práticas sustentáveis podemos adotar para preservar o bioma Cerrado?
- Como o lugar onde vivemos pode nos ensinar sobre Geografia, natureza e sociedade?

Desenvolvimento da aula

Introdução:

Apresentação geral da proposta da sequência didática, explicando o que é o Estudo do Meio e como ele será desenvolvido.

Atividade principal:

- Roda de conversa sobre experiências em ambientes naturais e urbanos.
- Exibição de imagens do local escolhido.
- Registro de ideias e percepções em quadro ou cartaz.

Síntese:

Produção de cartaz coletivo com as ideias iniciais sobre o parque e as expectativas da turma.

Recursos didáticos

- Data show
- Computador
- Imagens do parque (fotos e/ou vídeos)
- Cartolina e pincéis atômicos

Avaliação

- Participação nas discussões orais
- Contribuição para a produção do cartaz coletivo
- Engajamento nas reflexões individuais e em grupo



■ ETAPA 2: VISITA PRELIMINAR E OPÇÃO PELO PERCURSO



Esta etapa corresponde ao reconhecimento prévio do território a ser estudado, realizado pelo(a) professor(a) ou pela equipe pedagógica. O objetivo é conhecer o local, identificar pontos relevantes para observação, prever dificuldades e definir o percurso da atividade de campo.

Durante a visita, recomenda-se:

- Observar aspectos físicos, sociais e ambientais do espaço;
- Definir os pontos de parada e os temas que poderão ser abordados com os alunos;
- Fazer registros fotográficos e anotações que ajudarão na elaboração do caderno de campo;
- Verificar condições de segurança, acessibilidade e apoio (sombra, água, sanitários, entre outros).

A visita preliminar é essencial para um planejamento responsável e contextualizado, permitindo ao professor adequar a atividade de campo à realidade dos estudantes e aos objetivos pedagógicos definidos.



A visita preliminar é indispensável para o planejamento responsável e significativo da atividade de campo, Ainda que este material tenha como referência o Parque Distrital Boca da Mata, o(a) professor(a) que utilizar esta sequência poderá realizar a visita em outro espaço que seja pertinente ao seu contexto escolar.

■ ETAPA 3: O PLANEJAMENTO

■ PLANO DE AULA 2

Tema: Localização e representação cartográfica do território a ser estudado

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 2 aulas (90 minutos)

Etapa: Preparação e reconhecimento cartográfico do território

🎯 Objetivos da aula

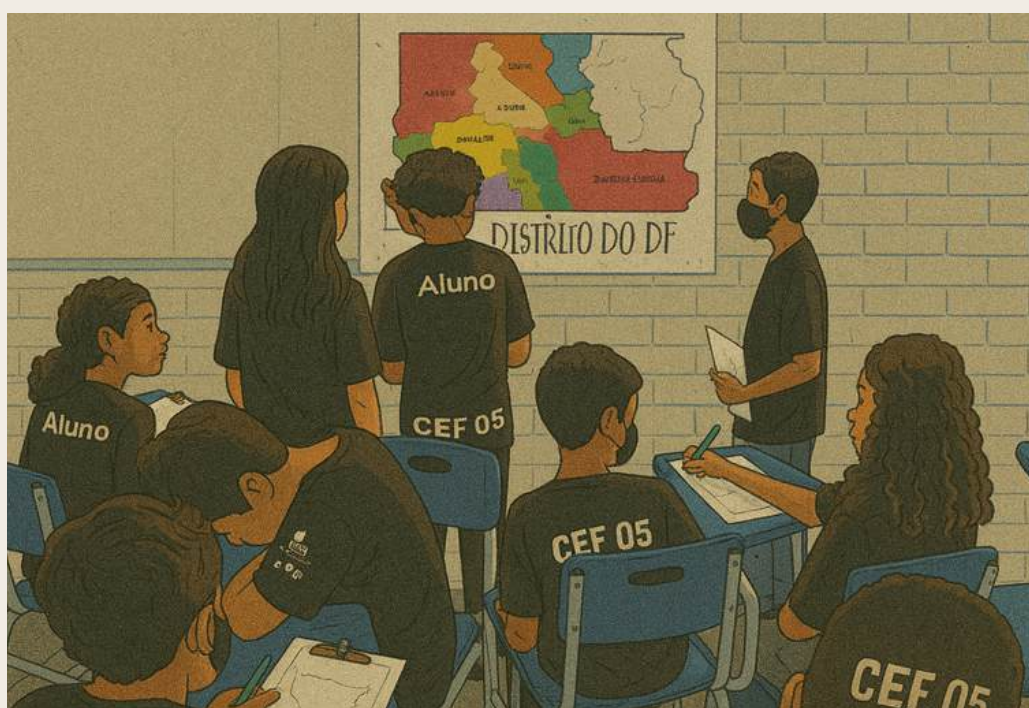
- Trabalhar noções básicas de localização, orientação e representação espacial.
- Identificar o território que será objeto de estudo por meio de mapas e imagens.
- Desenvolver habilidades cartográficas básicas para leitura e representação do espaço vivido.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE08 – EF06GE09

? Problematização

- Onde está localizado o espaço que estudaremos?
- Como podemos representá-lo usando mapas?
- Que informações podemos extrair dos mapas sobre esse lugar?



🕒 Desenvolvimento da aula

Introdução:

- Apresentação de mapas da região onde está inserido o território a ser estudado.
- Explicação sobre tipos de mapas, escalas, legendas e imagens de satélite.

Atividade principal:

- Atividade prática com mapas mudos: localização do território, uso de cores, legendas e identificação de elementos do entorno.
- Discussão coletiva sobre as representações elaboradas.

Síntese:

- Socialização dos mapas produzidos pelos alunos e reflexão sobre o que se pode aprender observando o espaço por meio da cartografia.

🔧 Recursos didáticos

- Mapas mudos da região (ou do território escolhido pelo professor)
- Atlas escolar
- Papel vegetal
- Canetinhas, lápis de cor
- Imagens de satélite (Google Earth ou impressas)

📊 Avaliação

- Preenchimento correto dos mapas propostos
- Participação nas discussões
- Clareza e organização na representação do espaço



■ ETAPA 3: O PLANEJAMENTO

📖 PLANO DE AULA 3

Tema: Características ambientais e históricas do território a ser estudado

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 1 aula (45 minutos)

Etapa: Estudo prévio do território em sala de aula

🎯 Objetivos da aula

- Compreender os aspectos físicos, históricos e sociais do território que será investigado.
- Refletir sobre a relação entre natureza e sociedade na constituição do espaço geográfico.
- Relacionar os conhecimentos prévios dos alunos com informações científicas sobre o território.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE03 – EF06GE06

? Problematização

- Como a história e a natureza se entrelaçam no território que vamos estudar?
- Quais elementos naturais ainda permanecem e quais foram modificados pelas ações humanas?

🕒 Desenvolvimento da aula

Introdução:

- Apresentação de vídeos curtos, imagens e mapas sobre o território.
- Conversa guiada sobre os elementos observados (relevo, vegetação, ocupações humanas).

Atividade principal:

- Leitura coletiva de um pequeno texto informativo sobre o local.
- Ficha de identificação: os alunos preenchem informações físicas e históricas do território.
- Registro no caderno das principais informações aprendidas.

Síntese:

- Construção de um painel coletivo (físico ou digital) com os elementos naturais e históricos do local, articulando os conceitos de paisagem, território e lugar.

Recursos didáticos

- Texto informativo sobre o território
- Vídeos curtos e imagens (podem ser baixados do YouTube ou banco da escola)
- Ficha de atividade impressa
- Quadro ou mural para síntese visual

Avaliação

- Participação nas discussões
- Preenchimento da ficha de identificação
- Qualidade dos registros e conexões feitas entre natureza e história



■ ETAPA 4: ELABORAÇÃO DO CADERNO DE CAMPO: FONTE DE PESQUISA

📖 PLANO DE AULA 4

Tema: Elaboração do roteiro da saída de campo e do caderno de campo

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 1 aula (45 minutos)

Etapa: Preparação para a pesquisa de campo

🎯 Objetivos da aula

- Elaborar coletivamente o roteiro da saída de campo, definindo pontos de parada e temas de observação.
- Apresentar o caderno de campo como instrumento de registro e investigação.
- Estimular a protagonismo dos estudantes na elaboração do roteiro da saída de campo.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE02 – EF06GE06

❓ Problematização

- O que devemos observar em uma saída de campo geográfica?
- Como registrar e organizar as informações que coletarmos?

🕒 Desenvolvimento da aula

Introdução:

- Debate orientado sobre o que observar em uma saída de campo.
- Apresentação do caderno de campo e seus elementos: capa, roteiro, perguntas orientadoras, espaços de desenho e anotações.

Atividade principal:

- Proposta de construção colaborativa do roteiro da visita (com base no território a ser explorado).
- Preenchimento da capa e da primeira página do caderno de campo com as informações da turma.
- Simulação de registro no caderno com base em uma imagem ou vídeo do local.

Síntese:

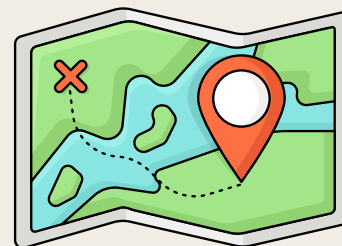
- Compartilhamento das expectativas da turma e definição das tarefas dos alunos para o dia da saída de campo.

Recursos didáticos

- Modelo impresso do caderno de campo
- Slides ou quadro com o roteiro
- Vídeo ou imagem de simulação
- Papel, canetas e lápis de cor

Avaliação

- Participação na construção do roteiro
- Envolvimento nas simulações de uso do caderno de campo
- Clareza e organização nos registros realizados



■ ETAPA 5: A PESQUISA DE CAMPO REVELADORA DA VIDA

📖 PLANO DE AULA 5

Tema: Realização da atividade de campo

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 1 aula (visita de até 3 horas)

Etapa: Execução da saída de campo

🎯 Objetivos da aula

- Observar diretamente os elementos naturais e sociais do território estudado.
- Aplicar os conhecimentos geográficos trabalhados em sala no ambiente real.
- Registrar percepções e dados por meio do caderno de campo, relacionando teoria e prática.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE04 – EF06GE05 – EF06GE07 – EF06GE11 – EF06GE12

? Problematização

- O que o território estudado pode nos ensinar sobre a relação entre sociedade e natureza?
- Quais são os elementos mais visíveis da ação humana no ambiente visitado?



🕒 Desenvolvimento da aula

Antes da visita:

- Organização dos grupos e revisão dos roteiros e fichas de observação.
- Distribuição dos cadernos de campo e orientações sobre comportamento e segurança.

Durante a visita:

- Deslocamento até o local.
- Realização do percurso com paradas estratégicas (ex: nascente, mata ciliar, campo de murundus, áreas degradadas).
- Registro fotográfico, anotações, esboços e respostas às perguntas das fichas.

Após a visita:

- Retorno à escola.
- Coleta dos cadernos para análise posterior.

🔧 Recursos didáticos

- Cadernos de campo com roteiros e fichas
- Mapas do território
- Materiais de anotação (lápis, prancheta, celular, câmera)
- Lanches, água, protetor solar, boné

📊 Avaliação

- Participação durante a visita
- Preenchimento das fichas de campo
- Observações registradas com clareza, coerência e atenção ao ambiente



■ ETAPA 5: A PESQUISA DE CAMPO REVELADORA DA VIDA

📖 PLANO DE AULA 6

Tema: Sistematização das observações e levantamento de problemas socioambientais

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 2 aulas (90 minutos)

Etapa: Retorno da pesquisa de campo – análise e síntese coletiva

🎯 Objetivos da aula

- Analisar os dados e registros feitos durante a saída de campo.
- Identificar e discutir os problemas socioambientais observados no território.
- Sistematizar as aprendizagens construídas a partir da vivência no campo.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE02 – EF06GE12

? Problematização

- Quais foram os principais problemas identificados durante a visita?
- Como podemos compreender as causas e consequências desses problemas?

🕒 Desenvolvimento da aula

Introdução:

- Leitura coletiva e análise dos registros feitos pelos alunos nos cadernos de campo.
- Socialização dos principais pontos observados.

Atividade principal:

- Organização dos alunos em grupos para sistematizar as informações em cartazes temáticos (ex: vegetação, água, solo, impactos ambientais).
- Discussão orientada sobre os principais problemas encontrados, suas possíveis causas e consequências para o território.



Síntese:

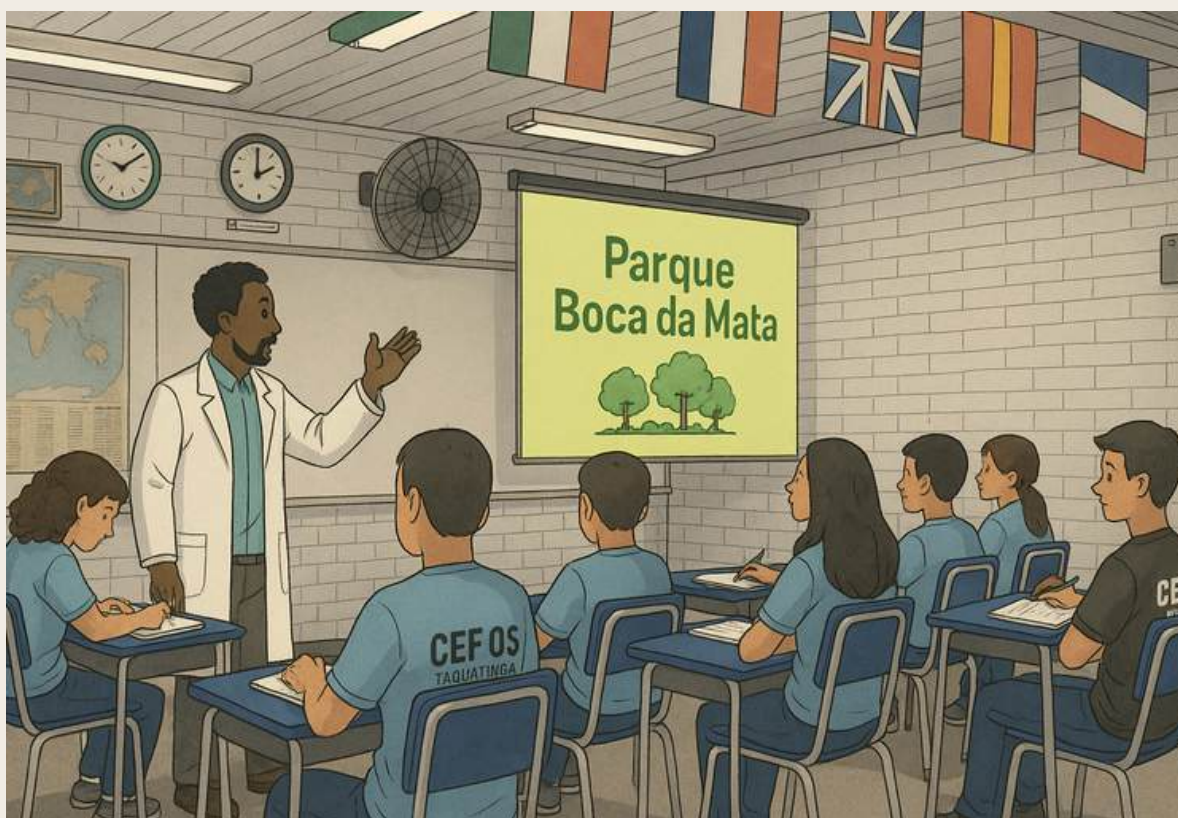
- Apresentação dos cartazes pelos grupos.
- Registro das conclusões coletivas no mural da turma ou portfólio da sequência.

🔧 Recursos didáticos

- Fichas e cadernos de campo dos alunos
- Cartolinas, pincéis atômicos, imagens do território
- Cola, tesoura, revistas (opcional)

📊 Avaliação

- Participação nas discussões e no trabalho em grupo
- Clareza na organização das ideias nos cartazes
- Capacidade de análise crítica sobre os problemas observados



■ ETAPA 5: A PESQUISA DE CAMPO REVELADORA DA VIDA

📖 PLANO DE AULA 7

Tema: Propostas de intervenção socioambiental

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 1 aula (45 minutos)

Etapa: Proposição de soluções para os problemas observados

🎯 Objetivos da aula

- Estimular o pensamento crítico e a atitude propositiva frente aos problemas ambientais identificados.
- Elaborar, em grupos, propostas de intervenção que valorizem o território e contribuam para sua preservação.
- Promover o protagonismo estudantil na construção de soluções reais ou simbólicas.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE01 – EF06GE07 – EF06GE11 – EF06GE12 – EF06GE13

? Problematização

- O que podemos fazer, como escola, para contribuir com a valorização e preservação do território que estudamos?

🕒 Desenvolvimento da aula

Introdução:

- Apresentação de exemplos de ações socioambientais realizadas por escolas ou comunidades (vídeos, fotos, reportagens).
- Recuperação das discussões da aula anterior sobre os problemas observados.



Atividade principal:

- Organização da turma em grupos para elaboração de propostas de intervenção (campanhas de conscientização, projetos de revitalização, oficinas educativas, maquetes, etc.).
- Registro das propostas com descrição, objetivos e forma de apresentação.

Síntese:

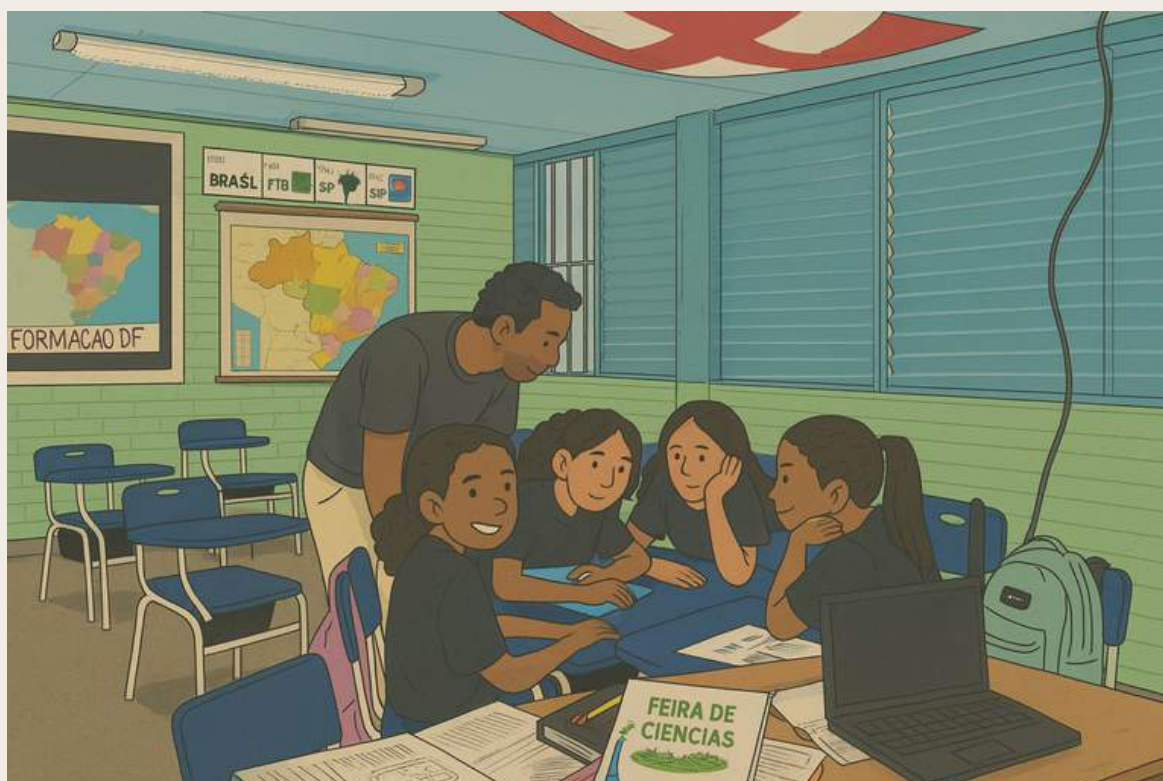
- Preparação das produções para a culminância da sequência (apresentação para a comunidade escolar).

Recursos didáticos

- Papel kraft, cartolina, canetões
- Revistas para recorte, tesoura e cola
- Fichas de planejamento da proposta (modelo fornecido pelo professor)

Avaliação

- Clareza, coerência e criatividade das propostas
- Participação ativa dos estudantes no planejamento coletivo
- Pertinência das intervenções em relação aos problemas observados



■ ETAPA 5: A PESQUISA DE CAMPO REVELADORA DA VIDA

📖 PLANO DE AULA 8

Tema: Apresentação das propostas para a comunidade escolar

Série: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 1 aula (50 minutos)

Etapa: Culminância da sequência didática

🎯 Objetivos da aula

- Socializar com a comunidade escolar os aprendizados e propostas elaboradas pelos alunos.
- Desenvolver a capacidade de comunicação, expressão e mobilização dos estudantes.
- Valorizar o território estudado e reforçar o compromisso coletivo com sua preservação.

📚 Habilidades da BNCC

- EF06GE01 – EF06GE11

? Problematização

- Como mobilizar a comunidade escolar para a valorização e preservação do território que estudamos?

🕒 Desenvolvimento da aula

Introdução:

- Organização dos grupos e revisão dos materiais produzidos nas aulas anteriores (cartazes, maquetes, slides, vídeos).
- Ensaios breves de apresentação.

Atividade principal:

- Realização de exposição aberta à comunidade escolar (alunos de outras turmas, professores, gestores, famílias).
- Cada grupo apresenta sua proposta de intervenção, destacando os problemas identificados, os aprendizados obtidos e as soluções propostas.

Síntese:

- Roda final de conversa com os alunos para compartilhar percepções sobre a experiência vivida ao longo da sequência.

🔧 Recursos didáticos

- Espaço expositivo na escola
- Cartazes, slides, maquetes, vídeos e demais materiais produzidos
- Equipamentos de som, projetor (se possível)



CADERNO DE CAMPO

CADERNO DE CAMPO – SUGESTÃO DE MODELO

(adaptável ao território escolhido e aos objetivos do estudo a ser realizado)

Nome do aluno(a):

Turma: _____ Data da visita: _____

Nome do local visitado:

PARTE 1 – Observações iniciais

1. O que você sabia sobre o local antes da visita?

1. Como foi a sua expectativa para essa atividade?

PARTE 2 – Durante a visita

1. Elementos naturais observados:

Solo Vegetação Água Relevo Clima

Anotações:

2. Elementos humanos observados:

Construções Lixo Cercas Trilha Outros

Anotações:

3. Desenhe ou esquematize um espaço que chamou sua atenção:

 (espaço para desenho)


PARTE 3 – Após a visita

1. Quais foram os principais problemas ambientais observados?

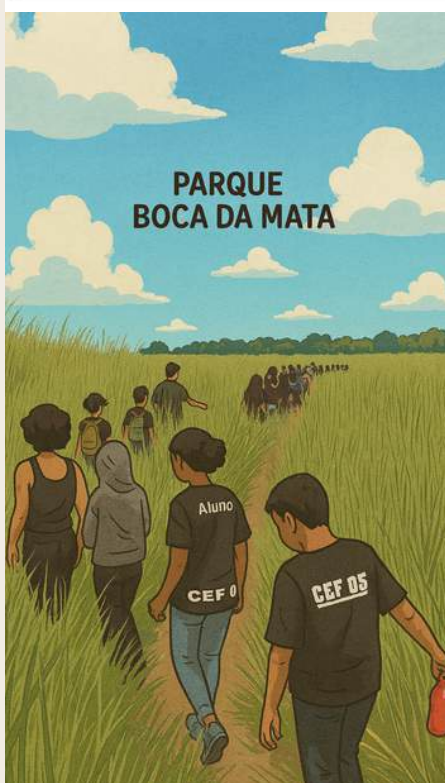
1. Que soluções você pensaria para resolver ou amenizar esses problemas?

1. O que mais te chamou atenção na saída de campo?

CADERNO DE CAMPO

 Sugestão de itens a serem observados em campo.

Item observado	Descrição/Registro	Foto (se possível)
Vegetação típica		
Características do solo		
Recursos hídricos		
Impactos ambientais		
Fauna/Flora observada		



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente sequência didática, organizada a partir da metodologia do Estudo do Meio, nasce da prática docente e do compromisso com uma Geografia escolar mais crítica, investigativa e significativa. Ao propor atividades que articulam teoria e prática por meio da observação direta do território, este material visa contribuir com educadores que desejam promover experiências formativas conectadas à realidade dos estudantes.

Importa ressaltar, no entanto, que este não é um roteiro fechado ou prescritivo. Pelo contrário, foi concebido como um instrumento flexível, passível de adaptação a diferentes contextos territoriais, escolares e socioculturais. Assim como cada turma é única, cada território investigado também apresenta suas particularidades. Cabe ao professor, em sua autonomia profissional, interpretar, reelaborar e adaptar as propostas aqui apresentadas, conforme as necessidades do seu público e as condições concretas de sua prática pedagógica.

Todo planejamento didático é, por natureza, um ponto de partida — nunca um ponto de chegada. Deve estar aberto à escuta, à improvisação responsável, ao diálogo com os alunos e às transformações que emergem da vivência escolar. Este produto educacional, portanto, não pretende oferecer respostas prontas, mas suscitar novas perguntas, inquietações e práticas.

Que esta proposta possa inspirar outros educadores a (re)pensarem suas estratégias de ensino, resgatarem o vínculo entre escola e território, e fortalecerem o papel da Geografia como instrumento de leitura e intervenção no mundo.

Lelton Melo da Fonseca



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Estudo do meio e o ensino de Geografia. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, Costa Rica, II sem. 2011, p. 1–19.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 173–181.
- ZABALA, Antoni A prática educativa : como ensinar / Antoni Zabala ; tradução: Ernani F. da F. Rosa ; revisão técnica: Nalú Farenzena. – Porto Alegre : Penso, 2014. E-PUB Editado como livro impresso em 1998. ISBN 978-85-8429-018-5